

### Prezados Leitores

Chegamos ao final de mais um ano e neste momento compartilhamos o número 2, volume 4, da Revista InFor, que aborda temas com ênfase na informação, educação e formação pedagógica, perpassando pelo lúdico, acessibilidade, tecnologias, entre outros, fortalecendo a proposta de crescimento para a socialização do conhecimento gerado em diferentes áreas do saber.

A proposta da Comissão Científica nestes três primeiros anos foi a de planejar ações inserindo a InFor em bases indexadoras de impacto nacional e internacional, além de estar citada no Qualis Periódicos Capes na última avaliação, triênio 2013-2016. Fortalecemos as ações para que no próximo volume possamos contar com o DOI e com a inserção da revista em outras bases indexadoras, dando visibilidade aos conteúdos que abordam a educação, a educação especial, a formação de professores e os recursos e usos de diferentes tecnologias para o processo de aprendizagem.

Acreditamos que com o empenho não somente da Equipe de Trabalho que segue em consonância com a Equipe Editorial, mas das importantes ações de seu Corpo de Pareceristas e dos Pareceristas *Ad Hoc*, ganha a cada novo número inovações significativas tendo como mote a total acessibilidade para diferentes indivíduos que dela necessitem.

Assim, o crescimento e credibilidade de conteúdo só é possível com a participação dos autores que depositam na InFor seus artigos divulgando a produção do conhecimento inovador.

Boa leitura a todos!

Klaus Schlünzen Junior  
Maria Candida Soares Del-Masso  
Editores



## O desafio da acessibilidade da informação na web para a Educação Infantil

**Caroline de Oliveira Ferraz**

*Cientista da Computação. Especialista em Sistemas para a Internet e Docência para o Ensino Superior*  
*Escola Técnica Estadual Dr. Luiz Cesar Couto, Quatá/SP*  
*caroline.oferraz@gmail.com*

### RESUMO

O presente trabalho aborda a problemática da falta acessibilidade da informação voltada para a educação de alunos dos primeiros anos do ensino fundamental e do ensino pré-escolar, além da pouca utilização de ferramentas da Tecnologia da Informação e Comunicação, da Internet no ensino de educandos nesta fase escolar. Abordando temas que envolvem a acessibilidade de forma geral e a acessibilidade para a educação, como acessibilidade física de pessoas e não apenas educandos a edificações de estabelecimentos de ensino e a acessibilidade a informação analógica de educandos com limitações intelectuais fazem parte da política de Educação Inclusiva adotada por governos e gestores de educação nos últimos anos. Concluindo, constam algumas das possíveis estratégias que poderão tornar a informação disponibilizada na Internet acessíveis ao público alvo do estudo, alunos do ensino básico. Também constam opções que incentivem a utilização da Internet e de ferramentas da Tecnologia da Informação e Comunicação para o ensino básico, bem como o desenvolvimento de instrumentos que possibilitem o acesso a informação.

**Palavras-chave:** Educação. Acessibilidade. Infantil. Internet. Informação.

## The challenge of accessibility of information on the web for Early Childhood Education

### ABSTRACT

The present work deals with the lack of accessibility of information aimed at the education of students in the first years of elementary education and pre-school education, in addition to the low use of Information and Communication Technology tools, the Internet in teaching students in this area. school phase Addressing issues that involve accessibility in general and accessibility to

education, such as physical accessibility of people and not only students to school buildings and accessibility to analogical information of students with intellectual limitations are part of the policy of Inclusive Education adopted by governments and education managers in recent years. In conclusion, some of the possible strategies that could make the information available on the Internet accessible to the target public of the study, students of basic learning are listed. Also included are options that encourage the use of the Internet and Information and Communication Technology tools for basic education, as well as the development of instruments that provide access to information.

**Keywords:** Education. Accessibility. Child. Internet. Information.

## 1 Introdução

Acessibilidade é o ato de possibilitar a obtenção e/ou o entendimento para utilização de algo de maneira eficaz; ou seja, acessar algo em condição eficiente e entender alguma coisa de forma coerente. O conceito de acessibilidade é muito difundido ao que se trata de ingresso a edificações, transportes e serviços. Todavia, um novo conceito tem sido bastante discutido, o de Acessibilidade da Informação.

O conceito de Acessibilidade da Informação passa a ser aplicado não só no mundo físico, mas também no mundo digital (TORRES; MAZZONI; ALVES, 2002,). A Internet enquanto grande repositório de informações dos mais variados tipos de dados disponibilizados também tem que se adequar para possibilitar que toda variedade de usuários consiga obter seu conteúdo. Existem diversos serviços que possibilitam que qualquer usuário consiga alcançar as informações contidas em qualquer página ou serviço na Internet.

## 2 Acessibilidade e educação

A educação inclusiva é uma prática que os governos brasileiros vêm adotando como padrão para todos os anos da educação pública. Alunos com algum tipo de deficiência física ou intelectual, ou mesmo com algum nível de dificuldade de aprendizado, não mais são segregados em escolas ou turmas especiais. O uso de ferramentas tecnológicas, assim como da própria Internet são de grande importância para a inclusão desses alunos.

Com a nova política de Educação Inclusiva, as instituições de ensino públicas e particulares passaram a acolher estudantes com diferentes tipos de limitações físicas e intelectuais. Nessa nova realidade, além de proporcionar a oportunidade para esse novo público poder transitar livremente com segurança e autonomia em suas dependências, tornar o conteúdo acessível a todos é mais uma de suas relevantes preocupações a respeito de novas práticas a serem adotadas.

A Internet já é há muito tempo uma ferramenta essencial para a educação em todos os seus níveis. Usada para obter e compartilhar informação, a Internet passou a ser um instrumento indispensável para as boas práticas acadêmicas, tanto docentes quanto discentes. Quando uma escola se conecta à Internet, um novo mundo de possibilidades se abre diante de alunos e professores (RAMAL, 1996).

### **3 Ensino não presencial para a educação infantil**

Educação a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino baseada em ferramentas tecnológicas que possibilita que alunos e professores que estejam fisicamente afastados consigam interagir em um ambiente de ensino, diminuindo tempo, distância e valores agregados. Esse modelo de ensino não depende exclusivamente da Internet para realizar suas atividades e, por isso não precisa ser realizada em tempo real. Enquanto Ambientes Virtuais de Aprendizado (AVAs) são sistemas de computadores fundamentados na Internet que oferecem a oportunidade de criação, manipulação e participação em cursos não presenciais ou complementares por meio da Internet.

Para Bassani (2006, p. 08), AVAs podem ser definidas como sendo:

[...] um conjunto de ferramentas computacionais que permitem a criação e o gerenciamento de cursos à distância, potencializando processos de interação, colaboração e cooperação. Tecnicamente, um AVA é um sistema computacional implementado por meio de uma linguagem de programação, que reúne, num único software (neste caso chamado de plataforma), possibilidades de acesso online ao conteúdo de cursos. Oferece, também, diversos recursos de comunicação/ interação/construção entre os sujeitos que participam do ambiente. Sendo assim, os ambientes virtuais de aprendizagem podem ser utilizados para ampliar espaços de

interação em cursos na modalidade presencial, como também para gerenciar cursos ofertados na modalidade semipresencial e/ou totalmente à distância.

As duas variedades de ensino não presenciais têm como principal diferença a interação entre alunos e professores. Enquanto as ferramentas AVA necessitam da Internet para se desenvolver e possibilitar a interação em tempo real entre os envolvidos no ambiente; os recursos da EaD podem ser utilizados independente de seu tempo, cursos podem ser preparados com muita antecedência e utilizados por longos períodos, dependendo de outros instrumentos para a interação entre os envolvidos na atividade. Porém, nada impede que esses recursos sejam utilizados em conjunto como complementares.

Ambas as ferramentas ainda são pouco utilizadas para a educação nos primeiros anos do Ensino Fundamental (Educação Básica). Mesmo já existindo ocorrências de adoção do ensino da informática já na educação pré-escolar, bem como nos primeiros anos do ensino fundamental; o uso da Internet para a educação nessa faixa etária ainda é pouco utilizado, assim como as ferramentas de educação não presenciais.

#### **4 Educação, computadores e internet**

Atualmente, crianças com pouquíssima idade já são capazes de manipular as ferramentas de informática com grande destreza. Mesmo antes da idade pré-escolar, crianças que possuam acesso a essas ferramentas conseguem fazer uso com maior habilidade do que muitos adultos. As novas gerações são criadas tendo quase sempre a mão ferramentas tecnológicas que possibilitam a fácil comunicação com o mundo exterior e a acessibilidade a informação contidas não só nos ambientes virtuais, mas também em repositórios estáveis de dados.

A utilização da Internet e dos computadores para a infantil é um assunto ainda pouco abordado, principalmente por gerar receios em docentes e gestores sobre os efeitos adversos que essas ferramentas podem acarretar no aprendizado de seus educandos. A grande apreensão por parte de professores da educação infantil é a desatenção que as ferramentas podem gerar em alguns alunos de uma geração assolada pelos distúrbios de déficit de atenção.

Conforme definido por Cunha (2005, p. 14):

[...] Alguns professores resistem ainda às inovações tecnológicas por razões culturais, sociais, enfim, pelo receio de serem trocados pelo computador, medo de perderem o emprego, ou até mesmo por que a tecnologia não estava inclusa em sua formação [...]

Por trazer novas possibilidades de utilização, além das demonstradas pelos professores, as ferramentas de informática podem atrair alunos a descobrirem novas alternativas sozinhos. Isso não seria um problema para professores devidamente treinados, todavia, a grande maioria dos professores de educação infantil não possui domínio suficiente dessas ferramentas a ponto de confiar na curiosidade dos alunos como forma de aprendizado.

Ainda Cunha (2005, p. 14) indica:

Com a chegada das novas exigências educacionais é necessário que as universidades trabalhem na formação inicial do professor, bem como em sua formação continuada, qualificando e requalificando os profissionais, desenvolvendo habilidades cognitivas e operativas para o uso das mídias e nova visão em relação às inovações tecnológicas.

Ferramentas da tecnologia da informação e comunicação (TIC) como computadores já são adotadas em escolas, porém, as ditas aulas de informática são aulas à parte da grade escolar, que visam o ensino de funções básicas da informática como a utilização de programas processadores de texto, planilhas eletrônicas, editores de imagens, manipulação da Internet para pesquisas, entre outras coisas triviais. As ferramentas da TIC ainda são pouco utilizadas como recursos de apoio para outras disciplinas, em parte por conta de educadores que ainda acreditarem que a função de ensinar e utilizar os recursos da TIC seriam funções que devem ser atribuídas unicamente a técnicos em informática, restando aos professores de disciplinas convencionais, quando em sala, seria apenas a de apoiar o técnico no controle de alunos e não na didática propriamente dita.

Diante dessa subutilização, quase não existe preocupação com a acessibilidade da informação para crianças da educação infantil. As pesquisas, que são práticas corriqueiras no ensino da informática básica, não são

direcionadas à essa faixa etária, não existindo preocupação em se utilizar um recurso especificamente desenvolvido para o público infantil. A Internet é usada de maneira crua, por meio de páginas de busca tradicionais e sem a adoção de sistemas que facilitem sua utilização por crianças.

Algumas prefeituras já adotaram para suas escolas de educação pré-escolar e ensino fundamental I (do 1º ano até o 5º ano) a utilização de ferramentas desenvolvidas especialmente para o público infantil que visam integrar a informática com o ensino de outras disciplinas tradicionais do ensino infantil, além de trazer para professores formais a responsabilidade desse novo ensino. Essa integração de ensino tradicional e informática facilita a inclusão digital desde os primeiros anos da educação formal.

A concepção de informática educativa que utiliza de ferramentas da TIC como forma de aprendizado de outras disciplinas, bem como a aprendizagem da utilização dos próprios recursos da informática é uma ação que vem sendo incentivada por governos de todas as esferas políticas. Esse incentivo vem sendo realizado por meio de apoio financeiro para aquisição de instrumentos tecnológicos, mobiliário e pagamentos de cursos de capacitação para professores.

Ainda que pequeno, esse incentivo por parte dos governos já traz uma grande diferença na inclusão digital de alunos do ensino básico, tornando o aprendizado da informática e o acesso ao conhecimento alcançável para estudantes que podem ou não possuir quaisquer instrumentos de informática em suas casas. Essa inserção pretende equiparar os educandos do ensino infantil, independentemente de seu nível socioeconômico.

Instituições de ensino particulares apostam no ensino da informática e em sua utilização como ferramenta de apoio para a docência de outras disciplinas a muito mais tempo do que os estabelecimentos públicos de ensino. Essa prática somada aos fatores socioeconômicos que permitem a estudantes de instituições particulares terem maior poder aquisitivo para adquirir instrumentos tecnológicos em maior quantidade e de melhor qualidade deixa esses estudantes em vantagem em relação aos que cursam o ensino em instituições públicas de ensino.

Atualmente, quase todos os setores da economia dependem de instrumentos tecnológicos para desenvolver suas atividades. Essa necessidade

de informatização vem se desenvolvendo ao longo dos anos como melhor maneira de aprimorar o desenvolvimento e aprimorar suas atividades. Entretanto, a disponibilidade de mão de obra qualificada não segue o mesmo ritmo de crescimento.

A informática torna-se mais importante não só para os setores produtivos da sociedade, mas para tudo o que envolve a vida das pessoas comuns. Ter o mínimo de noção de ferramentas básicas da informática é pré-requisito para praticamente qualquer emprego. O grande problema da inclusão digital impingida em grande parte pelo Governo Federal é que o ensino da informática na educação pública não evolui, ficando apenas no manuseio de ferramentas triviais como processadores de texto e planilhas eletrônicas de cálculo.

As instituições de ensino exercem papel fundamental para a preparação do jovem para a vida adulta, tanto pessoal quanto profissional. Restringir a preparação do aluno a funções básicas atrasa seu ingresso ao mercado de trabalho, necessitando posteriormente de treinamento e preparo desassociado do ensino formal.

## **5 Desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizado para crianças**

Ao levantarem requisitos para o desenvolvimento de quaisquer instrumentos de informática destinados às crianças e adolescentes, analistas e pesquisadores costumam tomar como principal fonte de informações pais, professores e gestores de ensino, que priorizam o ensino e, muitas vezes não consideram a aprendizagem que tal funcionalidade possa proporcionar. Ou seja, os adultos dão preferência às facilidades que esses instrumentos possam oferecer a outros adultos ao invés de considerar as vantagens que possam conceder à educação de seus alunos.

Isso deixa inúmeras falhas que poderão comprometer o desempenho e o alcance da ferramenta a curto e longo prazo e, até mesmo diminuir seu ciclo de vida. Essas falhas são ocasionadas principalmente durante o levantamento de requisitos, fase inicial de qualquer projeto. Ao buscar requisitos em uma amostra que não representará os usuários finais do produto, algumas funcionalidades podem ser desenvolvidas de modo equivocado ou simplesmente não serem incrementadas.

Pais e educadores são adultos e por isso não conseguem mensurar todas as necessidades e dificuldades encontradas por crianças e adolescentes. Ainda que lidem com crianças todos os dias, muitas vezes em períodos maiores do que os próprios pais, os educadores não deixam de ser adultos e com mais conhecimento, treinamento e vivência, e assim, não encontrando as mesmas dificuldades encontradas por crianças que começam a ser alfabetizadas. Muitas vezes os próprios educadores não têm a percepção de antever as possíveis dificuldades que seus alunos podem encontrar ou até mesmo definir as melhores utilidades que o recurso possa disponibilizar a fim de propiciar a interação e a aprendizagem de seus educandos.

É difícil para profissionais de outras áreas, que não a educação, saberem como tratar com o público infanto-juvenil. Receosos ao levantar requisitos, pesquisando diretamente com seu público alvo, não sabem como abordar seu usuário a fim de conhecer suas necessidades e geram um novo problema. Afinal, se não souberem as perguntas a serem feitas, os desenvolvedores não conhecerão as respostas a serem trabalhadas.

Como então levantar requisitos para ferramentas voltadas ao público infantil se educadores, pesquisadores e analistas de requisitos não conseguem decifrar totalmente as necessidades enfrentadas por esse público? Pais, educadores e desenvolvedores devem trabalhar em conjunto para desenvolver as ferramentas desejadas. Contudo, as respostas às questões levantadas a respeito dos requisitos necessários ao sistema devem vir de seu público alvo, no caso abordado as crianças. Pais e docentes sabem como lidar com crianças, enquanto desenvolvedores sabem estabelecer parâmetros necessários para a construção do sistema e criá-lo de forma efetiva. Trabalhando em conjunto, cada qual em sua área de especialidade, os adultos desta relação conseguirão conceber instrumentos mais funcionais.

## 6 Conclusão

Muito tem sido feito para o avanço da Inclusão Digital, independentemente de classes sociais e localização geográfica, muito também se tem avançado para a disseminação da Acessibilidade da Informação. Todavia, esses avanços ainda são pouco sentidos no que diz respeito à Acessibilidade da Informação na Web

para a Educação Infantil na educação pública. O primeiro passo para que a Acessibilidade do conteúdo disponibilizado na Internet possa se tornar acessível para crianças da educação infantil deve partir dos governos; seja dando incentivos financeiros e/ou fiscais ou mesmo desenvolvendo seus próprios projetos visando à resolução do problema. Tendo campo e/ou apoio para o desenvolvimento de projetos e ferramentas nesta área, mais desenvolvedores se sentirão atraídos em criarem e aperfeiçoarem projetos nesse sentido. Com várias opções de instrumentos disponíveis, educadores terão oportunidade de avaliar qual a melhor opção que se encaixa nas necessidades apresentadas por sua instituição de ensino.

A acessibilidade à informação bruta, ou seja, sem qualquer tratamento que a direcione a um determinado público ou sem o auxílio de qualquer ferramenta que a torne acessível por todos, disponibilizada na Internet por crianças não alfabetizadas ou no início da alfabetização ainda é pequena se considerarmos as dimensões alcançadas pela própria Internet atualmente. As ferramentas da TIC tornam-se cada vez mais acessíveis, sendo encontradas em diversos lares de todas as classes sociais e escolas públicas espalhadas pelo país. Isso facilita a utilização desse tipo de ferramenta por crianças de várias classes sociais, facilitando o ensino da informática e sua utilização como instrumento de auxílio no ensino de outras disciplinas.

Apesar da facilidade de aquisição de ferramentas da TIC e dos incentivos já atuantes dos governos, essas ferramentas ainda são pouco utilizadas na educação básica. Esse problema poderia facilmente ser solucionado incentivando o desenvolvimento de ferramentas para esse setor, bem como sua utilização por parte dos governos e empresas privadas. Todavia, esse incentivo ao desenvolvimento não serve de nada se não houver adesão por parte de educadores.

À medida que governos, empresas desenvolvedoras de TIC e alguns gestores já acreditam na utilização da informática e Internet como instrumento de auxílio ao ensino e vêm na Acessibilidade da Informação na Web para a Educação Infantil um novo caminho para a educação, professores ainda relutam em utilizar esse tipo de ferramenta com educandos do ensino infantil. Falta a esses profissionais a consciência de que as ferramentas da TIC devem ser utilizadas como apoio ao ensino de outras disciplinas e, por isso, devem ser

aplicadas por eles e não por profissionais técnicos em informática. Saber preparar aulas e utilizar as ferramentas é outra dificuldade que docentes da educação infantil comumente apresentam. Dificuldades essas que poderiam ser elucidadas aplicando treinamentos pedagógicos e técnicos aos docentes envolvidos no processo.

A curiosidade das crianças e sua habilidade em adquirir novos conhecimentos e manipular ferramentas tecnológicas podem ser utilizadas como estímulo à aprendizagem se bem direcionadas e se houver meios necessários para que possam manipular as ferramentas utilizadas. Não basta inserir ferramentas de TIC em instituições de ensino básico se não houver profissionais competentes para o ensino e sem ferramentas que ofereçam a acessibilidade às crianças. A Internet é um imenso repositório de todo tipo de informação, por isso educadores e desenvolvedores devem atentar-se ao tipo de conteúdo que será oferecido às crianças de acordo com sua idade.

As iniciativas para a solução do problema da falta de Acessibilidade da Informação na Web para a Educação Básica devem partir dos adultos envolvidos no problema, sejam eles, pais, professores, gestores e governantes. Diferente de qualquer outro público, as crianças não têm o poder de reivindicar mudanças por não conhecerem outras vertentes do problema que enfrentam. Algumas atitudes já vêm sendo tomadas, todavia ainda é pouco sentido na grande maioria das instituições de ensino.

Enquanto adultos não considerarem com a devida importância a utilização da TIC por crianças, a acessibilidade da informação disponível na Internet continuará distante deste público. Sem uma preocupação direcionada, crianças continuarão a utilizar-se da Informática, bem como da Internet de maneira errada e pouco produtiva, acessando páginas e serviços que agregam pouco conhecimento ou não que não são indicados à sua faixa etária. Afastar crianças da Internet é desnecessário, considerando as grandes possibilidades ofertadas por ela para seu aprendizado. O que falta é um meio para efetuar o acesso produtivo desse público a grande quantidade de diferentes tipos de dados disponível de acordo com seus meios físicos de acesso, das limitações de conhecimento e habilidade que crianças possam apresentar, assim como do conteúdo que se apresentará disponível para o público.

## Referências

- BASSANI, P. B. S. *Modelagem das interações em ambiente virtual de aprendizagem*. 2006. 184 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em:  
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14682/000666336.pdf?sequence=1>. Acesso em: 26 jan. 2017.
- BEHAR, P. A. Modelos pedagógicos em educação a distância. In: BEHAR, P. A. et al. *Modelos pedagógicos em educação a distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 15-32.
- COSTA, F. A. O que justifica o fraco uso dos computadores na escola? *Polifonia*, Lisboa, n. 7, p. 19-32, 2004. Disponível em:  
<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6088/1/%282004%29COSTA%2cF%28O%29QueJustificaFracoUso%29RevistaPOLIFONIA7.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.
- CUNHA, F. S. *Implantação da informática na educação infantil*. 2005. 29 f. Monografia (Especialização em Informática na Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.
- CUSIN, C. A. Acessibilidade em ambientes informacionais digitais. 2010. 156 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em:  
[http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/cusin\\_ca\\_do\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/cusin_ca_do_mar.pdf). Acesso em: 26 jan. 2017.
- LEITE, S. M.; MORESCO, S. F. S.; BEHAR, P. A. A interação de crianças e adolescentes em ambientes virtuais: identificando fatores de acessibilidade e navegabilidade. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO – SBIE – UNISINOS, 13., 2002. *Anais [...]* Disponível em:  
<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/181/167>. Acesso em: 26 jan. 2017.
- MATTEI, C. *O prazer de aprender com a informática na educação infantil*. 2011. 15 f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Associação Educacional Leonardo da Vinci, Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2011. Disponível em:  
[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2011/pedagogia\\_artigos/ainformedinf.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2011/pedagogia_artigos/ainformedinf.pdf). Acesso em: 26 jan. 2017.
- RAMAL, A. C. Internet e educação. *Revista Guia da Internet.br (Ediouro)*, Rio de Janeiro, n. 4, 1996. Disponível em:  
<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/internet/Internet%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o.htm>. Acesso em: 6 dez. 2017.

TORRES, E. F.; MAZZONI, A. A.; ALVES, J. B. M. A acessibilidade à informação no espaço digital. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 83-91, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

*Recebido em 29 de junho de 2017*

*Aprovado em 17 de julho de 2017*

Para citar e referenciar este artigo:

FERRAZ, Caroline de Oliveira. O desafio da acessibilidade da informação na web para a Educação Infantil. *InFor, Inov. Form., Rev. NEaD-Unesp*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 144-XXX, 2018. ISSN 2525-3476.



## O uso de mídias no Programa Mais Educação: contribuições para o processo de aprendizagem

**Marco Túlio Santos Ledo**

*Licenciado em Letras (Português) e História. Especialista em Gestão da EaD e Mídias na Educação.  
Escola Estadual Joel Mares, Almenara/MG  
marcotuliosantosledo@yahoo.com.br*

### RESUMO

Esse artigo apresenta os resultados obtidos a partir do projeto de intervenção realizado em duas turmas do Programa Mais Educação no município de Almenara – MG. A proposta analisou a contribuição das mídias computador, jornal e TV para o processo de ensino e aprendizagem. Perpassou-se pela pesquisa teórica com textos de autores que discorrem sobre o tema proposto “O uso de mídias no processo de aprendizagem”, entre eles, Valente (2005), Moran (2011), Perrenoud (2000). A intervenção fora desenvolvida com 30 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e teve como metodologia, além da pesquisa teórica, a técnica da observação, entrevista verbais, utilizadas como diagnóstico, para aplicação da intervenção. Constatou-se que apesar de a escola possuir instrumentos que podem subsidiar um trabalho dinâmico com os alunos os mesmos não são utilizados exatamente pela falta de preparo dos professores. Isso hoje é antagônico ao exposto pela mídia e pela tecnologia, que mostram nossos alunos integrados através das redes sociais. Verificou-se a necessidade de formação dos professores para o uso integrado das mídias no contexto escolar e o desejo dos alunos de estarem integrado neste mundo de novas linguagens.

**Palavras-chave:** Mídias. Aprendizagem. Sala de aula. Mais Educação.

### The media use in More Education Program: contributions to the learning process

### ABSTRACT

This article presents the results obtained from the intervention project conducted in two classes of the More Education Program in the municipality of Almenara - MG. The proposal analyzed the contribution of computer media, newspaper and TV to the process of teaching and learning. Pervaded by the theoretical research

of authors who talk about the theme texts "The use of media in the learning process," including, Valente (2005), Moran (2011), Perrenoud (2000). The intervention was developed with 30 students of the 5th year of elementary school and had as a methodology, as well as theoretical research, technical observation, oral interview, used as a diagnostic for implementing the intervention. It was found that although the school has instruments that can support a dynamic work with the students they are not used exactly the lack of preparation of teachers. This today is antagonistic to the exposed by the media and technology, showing our students integrated through social networks. There was the need for training of teachers for the integrated use of media in the school context and the desire of students to be integrated in this world of new languages.

**Keywords:** Media. Learning. Classroom. More Education.

## 1 Introdução

Estamos inseridos em uma época de inovações, é a era da TV Digital, da informação em curto espaço de duração, dos cursos cada vez mais voltados a atender a necessidade de mercado e da urgência de formação. Ainda vivenciamos a revolução das mídias, dos canais televisivos, e o crescente, e com razão, uso da internet no mundo, seja nos mercados financeiros, seja como medida de pesquisa, dos meios de comunicação.

É visível que tantas modificações nos meios de comunicação interferem diretamente no modo de vida das pessoas, e que isso vem sendo observado, principalmente, com o avanço da Rede mundial de computadores, mas nos indagamos: será que estamos prontos para tanta informação?

Diante desse panorama, deve-se promover a ampliação dos debates sobre o uso dos recursos midiáticos no espaço escolar, como alternativa para incorporar a escola a esta nova sociedade que vem se formando para que se possibilite novas alternativas e formas de aprender, ampliando os espaços de discussões e saindo dos muros da escola para uma interação com as diferentes formas de aprendizagem, de pensamento e de discussão.

É fato, principalmente, que se analisarmos diante deste modelo de sociedade acoplada ao uso de recursos tecnológicos e avaliar no contexto da escola o uso do computador e das mídias, em geral, enquanto ferramenta de aprendizagem depararemos com situações que permeiam pelo viés da falta de preparo dos profissionais da educação no uso da máquina, e mais ainda, na

abordagem de forma significativa a fim de tornar a sala de aula e o ambiente de aprendizagem em algo atrativo e de formação do conhecimento.

São dois extremos visionais antagônicos, sendo de um lado uma sociedade em constante avanço tecnológico e do outro a escola que parece estar fora deste contexto.

Segundo Moura (2000, p. 1):

Esse avanço tecnológico provoca, segundo Schaff, inúmeras transformações na sociedade. Desde a formação econômica passando pela formação social, pela esfera cultural (em que um novo espaço social é criado – o ciberespaço – e é povoado por manifestações culturais de toda natureza). As transformações passam também pela criação de novos suportes comunicacionais (utilização de *walkman*, telefone celular, *notebook*, realização de reuniões, pesquisas, conferências, compras à distância etc.). Trata-se da criação de novas formas de viver, de se relacionar, de se comunicar. Trata-se, sobretudo, da criação de novos valores que vão caracterizando uma nova sociedade e um novo homem. Essa nova sociedade, ainda em construção, questiona a escola (sua compartimentalização disciplinar, suas grades curriculares, suas classes organizadas em função da faixa etária, sua didática, sua prática pedagógica).

Emerge-se, assim, a elementariedade da incorporação do uso das mídias como ferramenta de aprendizagem, que diante de um contexto global atrelado a mudanças de comportamento e criação de padrões sociais que se tornam necessárias a utilização das tecnologias da informação e comunicação na sala de aula, como forma de proporcionar a intertextualidade, produzir conceitos diversificados sobre a utilização da mídia e as potencialidades dela enquanto forma de inovação metodológica do processo de ensino e aprendizagem.

Diante da importância da utilização das mídias, enquanto recurso didático, este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o uso dessas ferramentas de aprendizagem e de inclusão social em duas turmas do Programa Mais Educação no município de Almenara – MG, que são compostas por 30 alunos, abrangendo os anos iniciais do ensino fundamental, procurando abordar as relações estabelecidas pelo uso da mídia tanto por alunos quanto por professores. Com isso, procurou-se responder nesta pesquisa intervencionista ao seguinte questionamento: Como o uso das mídias em sala de aula podem

beneficiar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do Programa Mais Educação?

Como metodologia procurou-se promover uma ação intervencionista, em que se utilizou o computador como recurso principal, sendo subsidiado por outras mídias: o jornal e a TV, a fim de se comprovar ou refutar a hipótese apresentada tendo um viés qualitativo. Para tanto, foram utilizados como procedimentos de coleta de dados, a pesquisa bibliográfica, a fim de subsidiar o estudo teórico sobre o tema e o uso de entrevista e observação, como elementos para subsidiar o diagnóstico para a aplicação da intervenção.

Os resultados obtidos com a intervenção demonstraram ainda a dificuldade de inclusão digital nas salas de aula, visível pelo despreparo dos docentes e pela não compreensão por parte dos alunos das noções iniciais de utilização do mesmo, mas também pode-se perceber o interesse do corpo discente na utilização do mesmo, principalmente, no uso da Internet. Percebeu-se também que a escola possui os recursos mínimos para operacionalizar uma aula dinâmica e prazerosa, devendo-se, portanto, os docentes articularem isso em seus planejamentos.

## **2 Novos tempos, novos significados às antigas necessidades educacionais**

O contexto tecnológico modificou o padrão de vida da população. O que antes era inconcebível, hoje, modifica-se perante as necessidades e aos desejos de consumo da maioria, influenciada, em grande parte das vezes por um padrão estabelecido por propagandas e pela utilização dos meios de comunicação de massa a fim de estereotipar costumes, vestimentas, padrão de beleza, entre outras, a partir de uma abordagem incisiva de persuasão.

Isso também se insere no campo educacional, cada vez mais influenciado pelo meio externo, alunos se deparam com situações que ainda não estão preparados para compreender em sua totalidade todos os seus significados, como ocorre, por exemplo, com brinquedos, sandálias, que pela utilização de maciça propaganda tornam-se padrões para grande maioria da população. São celulares com acesso a internet, *Ipods*, *Ipads*, entre tantos outros recursos que despertam o interesse de consumo do homem, mas aos quais estamos despreparados para o seu uso correto, mediado, tendo como clássico exemplo,

a utilização da internet, não como recurso facilitador de pesquisa, mas apenas do uso do Copia-Cola, ou ainda o seu uso em fraudes, entre outras ações, que fogem do campo educacional indo para o campo civil.

Diante disso, percebe-se que a concepção de Escola, enquanto única detentora de conhecimento sofrera uma ruptura, estando este aberto a todos os que estejam a sua procura a partir do seu acesso à rede, por exemplo. Conseqüentemente, ela também passou a ser alvo de questionamentos voltados a metodologia de ensino, a formulação do currículo, a formação dos professores, entre outros, que pode ser verificado no aumento de casos em que os alunos estão desmotivados com o espaço escolar e com os profissionais da instituição. O espaço voltado à sala de aula alicerça-se no contexto de aulas expositivas, com o uso do livro didático e utilização do quadro, o que leva a desmotivação dos alunos, interferindo no seu interesse pelo componente curricular, bem como dispersão durante a aula.

Tornou-se necessidade para a escola aliar-se, atualmente, a percepção da educação com a utilização de recursos tecnológicos, como o uso do computador, a fim de proporcionar um espaço mais dinâmico, atraente, que permita ao aluno sentir-se incluído no mundo da tecnologia e assim contextualizando espaço extra e intraescolar.

Portanto, podemos remeter que a incorporação de tecnologias ao espaço da sala de aula, poderá trazer grandes benefícios à aprendizagem dos alunos, como, maior atratividade, articulação de conteúdos escolares e extraescolares, ampliação de debates, interação de grupo, desenvolvimento proximal, entre outras. Por outro lado, entra em cena a figura do professor que deve estar atento a estas mudanças, principalmente, pela falta de formação e de utilização de ferramentas diversificadas, como TV, Rádio, Computador, Jornais e Revistas na sala de aula, enquanto recurso metodológico.

Deve-se atentar, porém, que os avanços nas diferentes mídias, explicitadas anteriormente, levou a promoção da expansão da tecnologia digital e conseqüente ampliação da sua atuação sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, Valente (2005, p.23) afirma que

As novas tecnologias usadas na educação – que já estão ficando velhas! - deverão receber um novo incentivo com a possibilidade de junção de diferentes mídias em um só artefato: TV, vídeo, computador, Internet. Estamos assistindo ao nascimento da tecnologia digital, que poderá ter um impacto ainda maior no processo ensino-aprendizagem. Será uma outra revolução que os educadores terão de enfrentar sem ter digerido totalmente o que as novas tecnologias têm para oferecer.

Logo, percebemos que a utilização das tecnologias no campo da educação, podem oferecer grandes possibilidades a prática docente, contudo, estes deverão estar preparados para mais este contexto, principalmente, pela necessidade de planejamento e de utilização correta das potencialidades que as mesmas oferecem diante do contexto pedagógico e escolar.

### **3 As mídias e o processo educativo**

As mídias estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar por serem ferramentas bastante eficazes no processo de ensino-aprendizagem.

O uso de mídias na escola pode auxiliar o professor na tarefa de mediar o conhecimento, pois além de ser um recurso diferencial, a linguagem apresentada é mais expressiva as necessidades e realidades dos alunos, haja vista a necessidade imposta pelo mercado de trabalho, a atração realizada pelo uso da propaganda nos diversos meios de comunicação, entre outros.

Assim, torna-se preciso integrar as mídias na educação que significa incorporá-las de maneira que enriqueça as situações de aprendizagem vividas pelos alunos, para que possa construir uma ampliação nos recursos de ensino utilizados pelos alunos.

As mídias devem agrupar diferentes recursos, se integrar as variadas situações de aprendizagem vivenciadas pelo aluno, pois torna-se impreciso falar em tecnologia como *iphone*<sup>1</sup>, um recurso bastante desejado pelo corpo discente, se o aluno não compreende as noções básicas de informática, de som, de tecnologia e as potencialidades que este instrumento possibilita a formação do saber. É necessário repensar a prática docente e visualizar que a mesma está aliada a inúmeras outras situações de aprendizagem, que ocorrem no processo de vida e construção da mesma pelo aluno. Moran (2009) expõe que:

Antes de a criança chegar à escola, já passou por processos de educação importantes: pelo familiar e pela mídia eletrônica. No ambiente familiar, mais ou menos rico cultural e emocionalmente, a criança vai desenvolvendo as suas conexões cerebrais, os seus roteiros mentais, emocionais e suas linguagens. Os pais, principalmente a mãe, facilitam ou complicam, com suas atitudes e formas de comunicação mais ou menos maduras, o processo de aprender a aprender dos seus filhos. A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer - os outros, o mundo, a si mesmo - a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, "tocando" as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa - ninguém obriga - é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa - aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam.

A sala de aula é vista como o espaço de aprendizagem, em permanente atuação e colaboração, frente ao processo de ensino. Por isso, como propõe Moran (2009), as escolas precisam de

[...] salas confortáveis, com boa acústica e tecnologias, das simples até as sofisticadas. Uma sala de aula hoje precisa ter acesso fácil ao vídeo, DVD e, no mínimo, um ponto de Internet, para acesso a sites em tempo real pelo professor ou pelos alunos, quando necessário. Um computador em sala com projetor multimídia são recursos necessários, embora ainda caros, para oferecer condições dignas de pesquisa e apresentação de trabalhos a professores e alunos. São poucos os cursos até agora bem equipados, mas, se queremos educação de qualidade, uma boa infra-estrutura torna-se cada vez mais necessária.

A abordagem apresentada por Moran (2009) torna-se uma irrealidade diante do padrão de nossas escolas e salas de aula, com carteiras quebradas, falta de instrumentos pedagógicos para o desenvolvimento de projetos de intervenção e apoio a prática docente, entre outros, pois, a sala de aula deve ser um espaço estimulante para que se promova um ensino dialógico, onde aluno e professor estabeleçam um processo de construção baseado na interação.

#### **4 O uso das mídias e a relação dialógica com o processo de ensino e aprendizagem**

O computador é visto como um grande instrumento que revolucionou a história da humanidade do século XX, pela sua capacidade de armazenamento de dados e execução de tarefas, facilitando a vida das pessoas.

Enquanto recurso didático, o computador, é algo ainda novo nas escolas brasileiras. Sua expansão iniciou-se com o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo<sup>2</sup>) que é um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. Este programa fora criado em 1997, e teve inicialmente o objetivo de levar às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida os governos locais devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias para uso de alunos e professores. Contudo, uma dificuldade já fora encontrada na utilização do sistema operacional, que difere do sistema comercializado e de uso da maioria da população.

O computador é um grande auxiliar para o processo de ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento das atividades escolares, haja vista, a necessidade de emitir relatórios, escrever textos, confeccionar tabelas, editar ou consultar banco de dados, controlar pagamento e emissão de rendimento escolar do aluno, além é claro de possibilitar o acesso a informações importantes, como pesquisas, debates em ambientes de aprendizagem, construção de blogs para exposição de trabalhos, entre inúmeras outras atividades, que vão levando a formação de um educando participante e ativo no processo de aprendizagem. Possibilita, também, o desenvolvimento da criatividade do aluno, a pesquisa interativa, a troca de experiências nas pesquisas, os debates virtuais, com acesso a uma enorme gama de informações que podem contribuir ferozmente para o desenvolvimento intelectual, e ainda, possibilitar a resolução de problemas nas mais diversas áreas do saber.

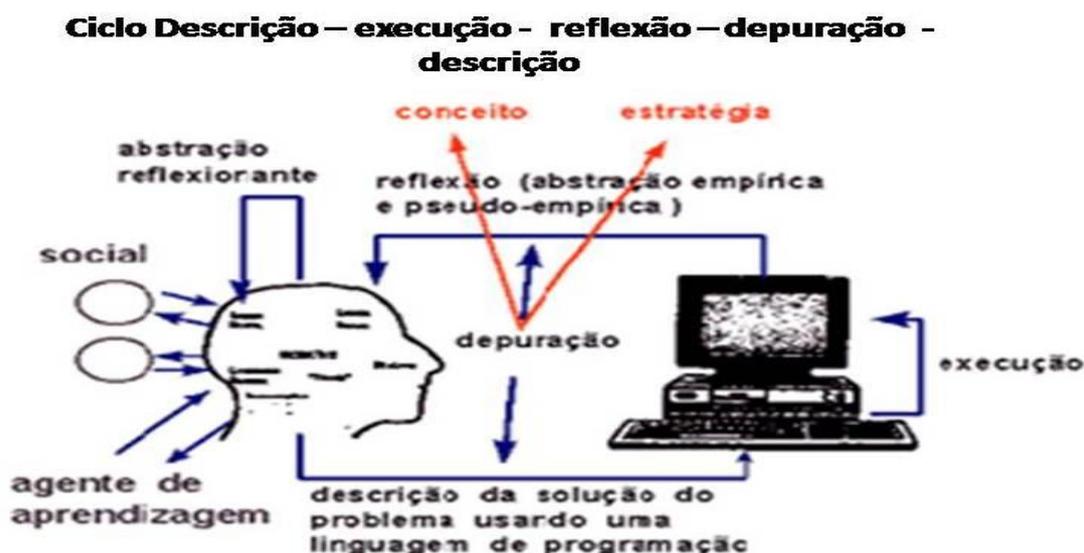
Segundo Valente (2005, p. 23)

As facilidades técnicas oferecidas pelos computadores possibilitam a exploração de um leque ilimitado de ações pedagógicas, permitindo uma ampla diversidade de atividades que professores e alunos podem realizar. Por outro lado, essa ampla gama de atividades pode ou não estar contribuindo para o processo de construção de conhecimento. O aluno pode estar fazendo coisas fantásticas, porém o conhecimento usado

nessas atividades pode ser o mesmo que o exigido em uma outra atividade menos espetacular. O produto pode ser sofisticado, mas não ser efetivo na construção de novos conhecimentos.

Além da infinidade de ações nas quais o computador está inserido, devemos compreender que o processo de construção do conhecimento frente à máquina e a outras mídias, como a TV e o Jornal, por exemplo, é apresentado através de um ciclo que remete desde o usuário até o processamento da informação e a recepção pelo usuário. É importante perceber como este ciclo se processa para que compreendamos a ação humana na interação com a máquina, que pode facilitar o uso pelo professor e pelo aluno (Figura 1).

Figura 1 – Ciclo de Papert (1994)



Fonte: Valente (2005).

O ciclo proposto por Papert demonstra que o agente de aprendizagem sofre importantes influências do meio social e isso implica na utilização do computador, ou seja, a descrição da solução de problemas usando uma linguagem de programação deve ser conhecida pelo usuário, a fim de obter os resultados esperados. O computador por sua vez responde ao comando proposto pelo usuário, desta maneira o agente irá perceber que determinados comandos apresentados irão influir diretamente na sua relação com a máquina e que isto lhe trará resultados, caso não sejam aqueles proposto por ele, o

mesmo realizará nova linha de comandos a fim de identificar a maneira para se chegar a tal nível. No caso do computador e da sala de aula em específico, o erro é visto como um instrumento mediador para uma nova tentativa, o que deve ser levado ao aluno perceber um processo dinâmico e interativo, mas que necessita de um intermédio do professor para se conduzir aos resultados esperados, no caso de alunos que não possuem conhecimento sobre o uso do mesmo. O uso do computador é uma importante ferramenta para utilizar-se na escola enquanto recurso de aprendizagem. Para tanto, Ferreira (2002, p. 29) apontou que:

[...] a) ser 'sinônimo' de status social, visto que seu usuário, geralmente crianças e adolescentes, experimentam a inversão da relação de poder do conhecimento que consideram ser propriedade dos pais e professores, quando estes não dominam a Informática; b) possibilitar resposta imediata, o erro pode produzir resultados interessantes; c) não ter o erro como fracasso e sim, um elemento para exigir reflexão/busca de outro caminho. Além disso, o computador não é um instrumento autônomo, não faz nada sozinho, precisa de comandos para poder funcionar, desenvolvendo o poder de decisão, iniciativa e autonomia; d) Favorece a flexibilidade do pensamento; e) estimula o desenvolvimento do raciocínio lógico, pois diante de uma situação-problema é necessário que o aluno analise os dados apresentados, descubra o que deve ser feito, levante hipóteses, estabeleça estratégias, selecione dados para a solução, busque diferentes caminhos para seguir; f) Possibilita ainda o desenvolvimento do foco de atenção-concentração; g) favorece a expressão emocional, o prazer com o sucesso e é um espaço onde a criança/jovem pode demonstrar suas frustrações, raiva, projeta suas emoções na escolha de produção de textos ou desenhos.

Assim, torna-se essencial que parâmetros sejam construídos a fim de constituir elementos que integrem as discussões conteudísticas, ou seja, aquelas que ficam presas apenas ao componente na sala de aula e que estas tenham respostas no mundo externo ao ambiente escolar. Ou seja, devemos conduzir toda a ação educativa de forma que o aluno tenha respaldo na sua formação e possa agir interativamente com o ambiente externo.

Aplicando-se os elementos apresentados em Papert, podemos perceber que a forma como se conduz a recepção do expectador frente à TV, é diferentemente, pois não há uma linha de comando, na qual o expectador possa estar diretamente influenciando os comandos da TV, esperando determinados

resultados. Esse aspecto que é amoldável da TV é um dos recursos que mais são utilizados pela mídia propagandista, a fim de determinar padrões para todas as classes e faixas etárias. A TV, apesar deste viés, apresenta uma enorme gama e potencial pedagógico, que pode ser visualizado, no campo educacional.

Apesar da visão, muitas vezes, deteriorada sobre a influência da TV, a mesma nos permite conduzir a linguagens, a construir possibilidades de comunicação, a interpretação de imagens e sons, bem como a despertar um olhar crítico sobre as possíveis construções intencionalistas dos textos, o que pode ter seu uso potencializado na análise dos discursos em sala de aula. Esta mídia tem, por natureza, um caráter transversal e interdisciplinar – ela é capaz de ser instrumento útil ao educador seja qual for sua área de ação ou interesse. Pode-se trabalhar desde o conteúdo exclusivo de uma disciplina até a construção de eixos temáticos que correspondem ao cotidiano dos estudantes, como trabalho, lazer e saúde, por exemplo.

Outra mídia de grande importância na construção da identidade brasileira, e de aspecto formativo, é o Jornal, pois é uma das mídias mais antiga e conhecida na escola e tem um papel de estabelecer o contato do aluno com a sua realidade impressa e registrada que lhe transporta para fora da sua rotina escolar e o lança ao mundo das notícias. Contudo, muitas vezes esta característica não é utilizada ao máximo pelo professor, que em grande parte apenas o vê como elemento para se recortar palavras e realizar colagens.

Com o uso destas mídias o ensino da sala de aula deixa de ser algo abstrato e tem como uma de suas tarefas, formarem bons cidadãos, conscientes de seus direitos, capazes de identificá-los e defendê-los em qualquer circunstância a partir da construção indagatória, passando a observar o mundo que o cerca e assim passando a contextualizar informações e o saber.

## **5 Intervenção no Programa Mais Educação: execução e análise da pesquisa**

A definição de intervenção pode ser vista como aquela que busca visualizar ou mesmo corrigir algo, que não está em conformidade com os padrões exigidos.

Segundo Souza (2006, p.34) atesta que:

Para que a criança aprenda linguagem escrita de forma mais prazerosa e produtiva, é preciso proporcionar um clima gostoso e descontraído na classe, onde seu ritmo será sempre respeitado, seu desenvolvimento, como um todo, será estimulado e lhe serão fornecidos os meios e as condições necessárias para que também realize seus tateios no campo da escrita.

Desta maneira, e buscando comprovar as hipóteses apresentadas neste trabalho é que se desenvolveu esta proposta intervencionista nas turmas do Programa Mais Educação, um programa que visa ampliar a duração da jornada escolar, ou seja, a educação em tempo integral.

O Programa Mais Educação fora criado através da Portaria nº 17 de 24 de abril de 2007, tendo sido subsidiado através de elementos expressos no Estatuto da Criança e do Adolescente e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Plano Nacional de Educação e visava fomentar as ações de educação integral para crianças e adolescentes, com o uso de atividades socioeducativas no contraturno escolar, sendo operacionalizado a distribuição de recursos por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola.

Um dos aspectos mais importantes a serem observados na construção da estratégia de ensino em tempo integral proposto pelo Programa Mais Educação está na sua dimensão intersetorial, ou seja, a articulação entre sujeitos de setores sociais diversos e, portanto, de saberes para enfrentar problemas complexos.

O município de Almenara – MG, por exemplo, fora integrado ao Programa no ano de 2011, através de parceria, na qual a Prefeitura Municipal firmou compromisso com o desenvolvimento do Programa e montagem de plano de atendimento das escolas beneficiárias. As escolas contempladas na inclusão do Programa foram a Escola Municipal Corina Ferraz de Brito e Escola Municipal Antonio Gil. Dentre as atividades e Macrocampos escolhidos por ambas as escolas estão: Matemática e Letramento (Acompanhamento Pedagógico), Recreação/Lazer (Esporte e Lazer), Banda Fanfarra, Teatro (Cultura e Artes) e Rádio Escolar (Educomunicação), atendendo a 120 alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

## 5.1 A coleta e interpretação dos dados

O espaço escolhido para o desenvolvimento da intervenção fora a Escola Municipal Corina Ferraz de Brito – Bloco III (antiga EE Clemente de Farias). A Escola que passou a integrar o quadro de escolas da Rede Municipal de Ensino<sup>3</sup> em 2010, através da integração de escolas da rede estadual e municipal, conta com espaço físico privilegiado, com quadra escolar, biblioteca, laboratório de informática, 07 salas de aula, com espaço adaptado para acessibilidade, sala de professores, refeitório, tendo sido inaugurada em 01 de agosto de 1959. O laboratório de informática é composto por 10 máquinas, com Sistema Operacional Linux, do Programa ProInfo, e acesso a Banda Larga. A Escola conta em seu quadro de pessoal com 36 funcionários, sendo 28 efetivos na Secretaria Municipal de Educação.

Para início dos trabalhos de intervenção realizou-se a coleta de dados, com a finalidade de promover um diagnóstico afim de que o mesmo subsidie a intervenção. Tal fase, fora dada a partir de entrevista com professores, especialistas, e alunos da Escola. Foram entrevistados 02 professores, 01 especialista e 02 alunos do Programa Mais Educação, seguindo-se uma ordem semiestruturada, composta por 04 perguntas básicas que versavam sobre o uso do laboratório de informática, sobre o uso das mídias, a integração ao planejamento didático, as formas de execução e trabalho com os alunos.

Juntamente com a entrevista fora realizada uma análise da escola e uma observação que possibilitou conhecer, através do comportamento dos professores e dos alunos, o sistema de relação existente entre a escola, os professores, a equipe pedagógica, alunos e tecnologia.

## 5.2 As atividades da intervenção

As atividades da intervenção foram realizadas nos turnos matutino e vespertino, sendo desenvolvidas juntamente com os alunos foram executadas em espaços da escola, sendo sala de aula e laboratório de informática, de forma a articular os conteúdos voltados para a área de linguagem e códigos da sala de aula com o uso do computador. O conteúdo a ser desenvolvido com os alunos do Programa Mais Educação fora a montagem de notícias para a confecção de

um jornal. Ao todo foram realizadas atividades em cinco etapas, conforme descrição a seguir.

- 1ª Etapa: Foi realizada uma aula expositiva com a presença da professora regente, de maneira dialogada e investigadora, na qual foi conceituado o jornal, as diferentes formas de apresentação e as partes de um jornal impresso. Em seguida, foi realizada uma conversa com os alunos, descontraída, de forma a indagar sobre a escola, sobre o que gostariam de fazer na escola, as profissões que gostariam de seguir, e por fim sobre o conhecimento sobre o computador.
- 2ª Etapa: Foi realizada atividade em sala de aula, onde fora apresentado aos alunos notícias, em diferentes mídias, para que percebessem duas informações: de um lado que uma mesma notícia pode ser vista em diferentes canais de comunicação e do outro as diferentes mídias que reportam uma notícia. Para tanto fora levado para sala de aula, várias notícias: de um jornal televisivo (gravado) em diferentes emissoras e um jornal impresso. Em seguida, os alunos foram levados para o laboratório de informática para que realizassem a pesquisa de uma notícia na internet. A pesquisa foi realizada dupla e/ou trio, tendo-se em vista que laboratório é composto por 10 microcomputadores, todos com acesso a internet, tendo como objetivo localizar alguma notícia que se referia a um tema em comum com as notícias apresentadas anteriormente em sala de aula e transcrevê-la para o caderno.
- 3ª Etapa: No laboratório de informática, foi explanado sobre o computador, sua história, funcionalidade, composição, entre outros, de forma lúdica e dialogada. Falou-se sobre a internet, Orkut, blog, e-mail. Em seguida os alunos digitaram a notícia transcrita anteriormente, na aula anterior. Como haviam sido formadas duplas /ou trio, solicitou-se que fosse digitado por todos os envolvidos e que eles deveriam se organizar para atender essa exigência. Em seguida foi feita uma leitura pelo intervencionista com a finalidade de observar os possíveis erros e assim instrumentalizar os alunos sobre os recursos para que se possa consertar o erro, seguindo a alusão feita por Papert.

- 4ª Etapa: A turma foi dividida em grupos e cada grupo ficou responsável de escrever uma notícia de acordo com algum caderno do jornal. Depois de produzida a notícia, os alunos foram direcionados ao laboratório de informática com o objetivo de realizarem a digitação do texto.
- 5ª Etapa: Os alunos acessaram sites que possuíam notícias da cidade de Almenara. Eles deveriam ler notícias sobre a cidade, debaterem e postarem comentários críticos, apresentando pontos que deveriam ser melhorados na cidade, sem alusão política, com elementos que iriam desde limpeza urbana a calçamento de ruas. Os comentários deveriam ser registrados com a referência: aluno do Programa Mais Educação.
- 6ª Etapa: Consistiu na publicação no Blog da Escola dos jornais montados pelos alunos e comentários em geral, contudo, devido ao curto espaço de tempo não foi possível o desenvolvimento desta etapa da intervenção.

### 5.3 Resultados da intervenção

A partir da realização da intervenção foi possível verificarmos a necessidade de mudança nas relações entre os diversos agentes educativos envolvidos na construção do projeto de educação integral, fato que não se percebeu durante a intervenção, havendo atividades isoladas dos monitores e dos professores regentes de turma. Na concepção de uma monitora para alguns professores da escola, o programa é “um programa da secretaria de educação”, e não percebem a relevância da ação, tanto no sentido social, quanto educacional.

Pode-se perceber, também, que não há um trabalho com o uso do computador integrado a prática pedagógica, nem incluso nos planejamentos. O laboratório, que é compartilhado como espaço da biblioteca e como sala de multimeios, quando utilizado servia apenas como forma de entretenimento e era muitas vezes direcionada pelo diretor adjunto da escola. Dos 30 alunos que participaram da intervenção, apenas 28% conheciam o computador, e esse público, conforme conversas, é composto por filhos de servidores públicos, que apresentam baixo desempenho escolar. Os demais, 72% são compostos por

crianças oriundas de regiões com problemas sociais, como, drogas, falta de infraestrutura familiar e de moradia, entre outros.

Para Ferreira e Teberosky (1989, p.26),

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo.

Nas turmas foco da intervenção os alunos expuseram nunca terem utilizado o laboratório da maneira apresentada pelo intervencionista, fala que também fora analisada na contextualização por especialistas da escola.

As entrevistas demonstraram que o uso das tecnologias na escola é incipiente. Ele se procede, principalmente, com o uso de TV e vídeo, de forma desarticulada com o planejamento realizado pelo professor. Na entrevista com o especialista pode-se perceber que não há um planejamento didático estruturado pelos professores e que o uso que fazem de filmes acontece com o agendamento do material necessário na semana de execução do mesmo, tido apenas como passatempo. O laboratório de informática é utilizado sem um agendamento.

Já os professores entrevistados expuseram que o uso do computador para eles é complicado, pois desconhecem o Sistema Operacional Linux e que não há por parte da Secretaria Municipal de Educação nenhuma atividade de capacitação docente. Com os alunos, pode-se perceber que não realizavam atividades voltadas para o uso do rádio, ou jornal, na sala de aula. Os mesmos apresentaram interesse em usar o computador, pois diziam não saber sobre sua utilização.

Neste contexto Souza et al, (2010, p. 129). aponta que:

O uso da tecnologia como recurso disponível para atender ao aluno que tem necessidade de aprender, utilizando formas que modifiquem e transformem o aprendizado é uma das formas de diminuir essa dificuldade que os alunos têm em aprender na sala de aula. Aprender algo novo requer interesse, dedicação e

principalmente motivação que consiste na utilização dos recursos disponíveis e a participação de todos os envolvidos.

Durante a intervenção, percebeu-se que o único recurso utilizado como apoio as atividades docentes é o livro didático. No entanto, apesar de não terem tido acesso na escola com regularidade e com finalidades pedagógicas, eles mostraram-se interessados e ávidos por debaterem e construir uma visão prática sobre o computador.

Também pode-se concluir que os professores não possuem muita afinidade com o laboratório de informática e seu uso é irregular. Segundo a supervisora da instituição, os professores não costumam utilizar o computador nas atividades, e que muitos não possuem habilidade na utilização e interação com a máquina. Os planejamentos não contemplam a utilização do computador, e, muito raramente expressam o uso de outras mídias.

Pode-se concluir na intervenção que os alunos matriculados nas turmas de tempo integral não possuem e não realizam uma integração com o uso do computador, seja, no horário regular ou nas jornadas de atividades do programa. Contudo, a interação realizada com a TV já é bem maior. Os alunos apresentaram visões sobre as vestimentas dos apresentadores, a forma do jornalismo e da linguagem utilizada pelas emissoras, apontaram semelhanças e diferenças nas notícias apresentadas nos jornais. Já com o jornal impresso, os mesmos visualizaram apenas como mais um indutor de possibilidades e de leitura de imagens. Percebe-se que o jornal impresso ainda é uma realidade que deve ser explorada na sala de aula.

Por outro lado, apesar de a TV ser um importante recurso de aprendizagem, Borges (1999, p.136) aponta que:

A Informática Educativa se caracteriza pelo uso da informática como suporte ao professor, como um instrumento a mais em sua sala de aula, no qual o professor possa utilizar esses recursos colocados a sua disposição. Nesse nível, o computador é explorado pelo professor especialista em sua potencialidade e capacidade, tornando possível simular, praticar ou vivenciar situações, podendo até sugerir conjecturas abstratas, fundamentais a compreensão de um conhecimento ou modelo de conhecimento que se está construindo.

As atividades desenvolvidas possibilitaram os alunos a utilizarem o laboratório de informática desenvolvendo as capacidades de leitura, interpretação, pesquisa, escrita, além das relações interpessoais e ainda a capacidade de argumentação.

Para Valente (1993, p. 06) aponta que:

A mudança da função do computador como meio educacional acontece juntamente com um questionamento da função da escola e do papel do professor. A verdadeira função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas sim a de criar condições de aprendizagem. Isso significa que o professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento – o computador pode fazer isso e o faz tão eficiente quanto professor – e passar a ser o criador de ambientes de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno.

Fora percebido também uma facilidade na apreensão de comandos quando indicados pelo intervencionista, como por exemplo: ligar/desligar, apagar uma palavra, letra maiúscula e minúscula.

O trabalho demonstrou também que é possível diversificar e ao mesmo tempo contemplar os objetivos propostos no currículo escolar, com o uso de alguma ferramenta de apoio didático pedagógico. O computador e a TV, desta maneira, são suportes muito importante para a prática educativa, pois oferecem uma vastidão de recursos que permitem uma fácil localização da informação, e ainda a interação desta informação, com outros utilitários, em uma escala maior, que a abordagem realizada na sala de aula.

Outro elemento interessante fora o trabalho com o jornal e a atribuição de responsabilidade de se escrever um artigo para o jornal. Pode-se levar a uma ressignificação do trabalho em sala de aula, integrando diferentes mídias, em torno de um único tema, e com destaque para o computador e para o uso da internet o que implica em uma partilha maior de informações e ainda permitindo o papel inclusivo, proposto pelo Programa Mais Educação, que é está em incluir os alunos na sociedade, em diferentes ambientes.

Mercado (1998, p. 2) atesta que:

Com as Novas Tecnologias da Informação abrem-se novas possibilidades à educação, exigindo uma nova postura do

educador. Com a utilização de redes telemáticas na educação, pode-se obter informações nas fontes, como centros de pesquisa, Universidades, Bibliotecas, permitindo trabalhos em parceria com diferentes escolas; conexão com alunos e professores a qualquer hora e local, favorecendo o desenvolvimento de trabalhos com troca de informações entre escolas, estados e países, através de cartas, contos, permitindo que o professor trabalhe melhor o desenvolvimento do conhecimento.

Outro ponto que é preciso considerar na execução desta intervenção é o fato da falta de formação da maioria dos professores para o uso das tecnologias educacionais. Isso também é um implicador para a falta de uso do computador enquanto ferramenta de auxílio ao desenvolvimento do processo de inclusão tecnológica desenvolvida nas escolas. Por isso é necessário que as redes de ensino promovam cursos de formação inicial e continuada de professores para a utilização do computador, em especial, do sistema operacional utilizado pelas escolas a fim de realizarem uma diversificação do trabalho docente.

## **6 Considerações finais**

Por meio da intervenção pedagógica aplicada buscou-se compreender como o uso do computador pode ser utilizado como mais um recurso didático em turma do Programa Mais Educação, a fim de se mostrar as necessidades do novo século, no que concerne a utilização de tecnologias que estão incutidas no modo de vida humano, seja no campo pessoal, profissional ou social.

É neste sentido que se vê o processo de ensino como parte incluso da sociedade. É o contexto social, a função da escola, o papel da educação na sociedade que definem as reais necessidades do processo de ensino, que vão desde a delimitação de recursos até a prática docente e ao acompanhamento pedagógico e familiar que demonstram uma nova formação da sociedade, de novos sentidos a serem dados ao processo educativo. É num meio cada vez mais dinâmico que se vê a necessidade de uma escola voltada para integração entre aluno/professor/mídias e para a inclusão socioeducacional, a fim de se atingir a proposta do tempo integral na escola.

Os objetivos da intervenção uma vez que foram alcançados estando entre eles, o de conhecer o espaço escolar, as novas possibilidades de inserção das

mídias na sala de aula e em turmas de tempo integral, formas de apoio ao discente.

Ainda, quanto ao problema, esse foi possível de ser resolvido, pois partindo-se da análise do uso das mídias nas turmas de tempo integral, verificou-se ser inexistente esta prática e quando da sua ocorrência não há uma função pedagógica, é apenas como entretenimento. A falta da utilização também se perpassou pela necessidade de capacitação dos professores, principalmente, na operacionalização do Sistema Linux e da sua aplicação correta enquanto recurso didático.

Verificamos a partir da intervenção que o grande desafio a ser pensado, no contexto das ações do programa Mais Educação, e em especial na turma da intervenção, será o levar a construção de uma escola mais plena, em que a articulação entre tempos e os espaços, entre os diferentes saberes e os educadores, entre o que é formal e informal, do turno e do contra turno se promovam de forma concreta, para beneficiar a criança, fazendo-se com que a escola cumpra o seu papel social de promover a cidadania. Não é apenas o simples fato de que as crianças permaneçam mais tempo na escola, aprendendo “mais da mesma coisa”, nem que se estabeleça uma escola séria e outra diversa, alegre. Ao contrário, o modelo de educação que se propõe que ao se ampliar a jornada escolar, que também se busque ressignificar a experiência escolar de modo mais abrangente, oferecendo ao aluno a oportunidade de criar, de se expressar, de desenvolver habilidades para o seu envolvimento social, e neste aspecto influi a utilização de recursos tecnológicos, como a incorporação do computador na prática docente, de forma a ser uma ferramenta que produza efeitos positivos na prática em sala de aula, beneficiando o ensino. Portanto, a escola deve promover o trabalho articulado a fim de promover esta inclusão digital das novas gerações, que vem sendo feita pelas redes sociais com o uso da internet. É preciso mostrar as potencialidades e as formas de uso adequado da rede mundial de computadores, inserindo-se assim conceitos morais e éticos aos alunos, desde a formação inicial, como ocorre com as turmas do Programa Mais Educação.

Para tanto, a escola necessita rever continuamente o seu currículo, adaptando-o ao contexto em que se insere, inovando suas práticas e promovendo a formação de seus educadores, indo além dos muros da escola e

das paredes da sala de aula, é possibilitar o despertar da criatividade, do senso crítico, da pesquisa, da interação, e que inclua as novas tecnologias e mídias no seu cotidiano, com conhecimento e que as mesmas possam promover o desenvolvimento pessoal e social.

Por fim, após a realização da atividade de intervenção é possível considerar que para a escola o projeto abriu novos espaços para questionar e repensar as possibilidades de uso do computador e da vida escolar do aluno. Contudo, não se pode deixar de ressaltar a influência da formação do Curso de Mídias na Educação, que propôs uma revisão das nossas práticas docentes, a partir de um diálogo constante, de interação, de questionamento, de mudanças e de constituição de uma educação, que vise não somente o papel de transmissão de conteúdos, mas sim, da formação crítica para a cidadania e acima disso, para a formação do homem, como ser colaborativo, integrado, tecnológico e socialmente, e que resulte na compreensão de uma nova sociedade, com uma escola nova, ressignificada.

## Referências

BORGES NETO, H. Uma classificação sobre a utilização do computador pela escola. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, ano 21, v. 1, n. 27, p. 135-138, 1999.

FERREIRA, A. L. D. *Informática educativa na educação infantil: riscos e benefícios*. 2002. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Informática Educativa) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002. Disponível em: [http://www.multimeios.ufc.br/arquivos/pc/monografias/Monografia\\_Lucia.pdf](http://www.multimeios.ufc.br/arquivos/pc/monografias/Monografia_Lucia.pdf). Acesso em: 30 dez. 2018.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MERCADO, L. P. L (Org.). Formação docente e novas tecnologias. *In: CONGRESSO DA REDE IBEROAMERICANA DE INFORMÁTICA EDUCATIVA*, 4., 1998, Brasília. *Anais [...]*. Brasília, 1998. p. 2.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. *Informática na Educação: Teoria & Prática*, Porto Alegre, v. 3, n.1, p. 137-144, set., 2000.

PAPERT, S. *A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

O uso de mídias no Programa Mais Educação: contribuições para o processo de aprendizagem

---

PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VALENTE, J. A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. *In: Integração das tecnologias na Educação*. Brasília: MEC, 2004.

VALENTE, J. A. *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas: Unicamp, 1993.

VALENTE, J. A. Informática na educação: instrucionismo x construcionismo. *Educação Pública*, Rio de Janeiro, [2005]. (Seção Tecnologia de Biblioteca). Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/tecnologia/0003.html>. Acesso em: 30 dez. 2018.

*Recebido em 15 de outubro de 2016  
Aprovado em 28 de dezembro de 2018*

Para citar e referenciar este artigo:

LEDO, Marco Túlio Santos. O uso de mídias no Programa Mais Educação: contribuições para o processo de aprendizagem. *InFor, Inov. Form., Rev. NEaD-Unesp*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 156-177, 2018. ISSN 2525-3476.

### Notas explicativas

---

<sup>1</sup> O *iPhone* é um smartphone desenvolvido pela Apple com funções de iPod, câmera digital, internet, mensagens de texto (SMS), visual *voicemail*, conexão *wi-fi* local e, atualmente, suporte a videochamadas (*FaceTime*).

<sup>2</sup> O ProInfo, inicialmente denominado de Programa Nacional de Informática na Educação, foi criado pelo Ministério da Educação, através da Portaria nº 522, de 09/04/1997, com a finalidade de promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. O funcionamento do ProInfo se dá de forma descentralizada, existindo em cada unidade da Federação uma Coordenação Estadual, e os Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE), dotados de infraestrutura de informática e comunicação que reúnem educadores e especialistas em tecnologia de *hardware* e *software*. A partir de 12 de dezembro de 2007, mediante a criação do Decreto nº 6.300, o ProInfo passou a ser Programa Nacional de Tecnologia Educacional, tendo como principal objetivo promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.

<sup>3</sup> A Rede Municipal de Ensino de Almenara (MG) é composta por 43 escolas com aproximadamente 5.480 alunos, atendendo da educação infantil aos anos finais do Ensino Fundamental.



## O uso da internet nas salas de aula para o Ensino de Língua Inglesa

**Elisama Maria da Silva Oliveira**

*Professora. Licenciada em Letras (Inglês - Português)*

*elisama\_oliveira@yahoo.com.br*

### RESUMO

Este trabalho teve como objetivo verificar o uso da Internet nas salas de aula com alunos do Ensino Médio de uma escola na região de Marília e as consequências resultantes para o ensino-aprendizagem de língua inglesa, sendo utilizada como metodologia a pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas com o público alvo contemplando perguntas abertas e fechadas cujos resultados demonstraram que nesta escola os alunos e professores acreditam na importância do uso da Internet nas salas de aulas para aprendizagem de língua inglesa. Diante dos dados coletados nesta pesquisa, foi possível observar que a internet tem sido usada nas salas de aula, e tanto os alunos quanto os professores têm consciência da necessidade de se inovar no ensino.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Internet. Língua Inglesa.

### Internet use in classrooms for English Language Teaching.

### ABSTRACT

This study aimed to verify the use of the Internet in classrooms with high school students of a school in the Marília region and the resulting consequences for English language teaching and learning, being used as methodology the field research with a qualitative approach. Interviews were carried out with the target audience, with open and closed questions whose results showed that in this school students and teachers believe in the importance of Internet use in classrooms for English language learning. Given the data collected in this research, it was possible to observe that the internet has been used in classrooms, and both students and teachers are aware of the need to innovate in teaching.

**Keywords:** Learning. Internet. English language.

## 1 Introdução

O acesso às tecnologias de informação e comunicação, sobretudo a Internet, é hoje um aliado para o desenvolvimento da leitura. Atualmente no Brasil e no mundo, o uso da informática na Educação é uma realidade crescente e relevante que não pode ser ignorada, o número de escolas públicas e particulares, que vêm incluindo em seus currículos atividades ligadas à informática vem crescendo a cada dia. Um dos pontos importantes dessa questão é o uso de softwares educativos como ferramenta de auxílio ao professor.

Todos nós sabemos que as novas tecnologias, em especial a Internet, exerce uma forte influência sobre as nossas vidas sendo indispensável nos dias atuais e para os nossos jovens. É inegável que esta é uma ferramenta fantástica que revela novos caminhos e pode facilitar e dinamizar o contato da escola com o mundo, a linguagem não linear da Internet com seus hipertextos é muito mais sedutora do que a linguagem ainda apresentada nas escolas.

De acordo com Ware e Kramsch (2005), há uma visível necessidade de se repensar o papel dos professores de línguas, especificamente nos contextos da tecnologia e da aprendizagem de línguas, mais que em qualquer outro domínio.

Então porque não se valer deste recurso que os jovens dominam perfeitamente bem? Não há mais como ignorar as novas tecnologias, pois são instrumentos que podem contribuir no processo de ensino/aprendizagem.

O avanço da tecnologia modificou em todos os sentidos a nossa sociedade, seja no modo de ser, comunicar e adquirir informações, estas mudanças se refletem diretamente no comportamento dos jovens e no processo de ensino-aprendizagem.

Este estudo é importante, pois de acordo com Paiva (2001) com o desenvolvimento da Internet e o crescimento da WWW, um número incalculável de homepages tem sido criado e os recursos para a aprendizagem de inglês estão ficando cada vez mais diversificados e sofisticados.

A pesquisa sobre a eficácia do uso da Internet nas salas de aulas para ensino de línguas é relevante porque, “além de interligar continentes nos dá a

oportunidade de uma realidade comunicativa ímpar” (Norte 1997). Por meio dela, podemos nos comunicar constantemente com falantes nativos. O aluno brasileiro não mais está isolado das outras línguas, pois temos programas que permitem amenizar essa distância e proporcionar comunicação com qualquer parte do mundo.

Essa tecnologia, segundo Soares (2002), exerce influência sobre a prática da escrita, sobre as formas que a escrita assume e, por consequência, sobre a prática da leitura, portanto nesse projeto comunicativo e reflexivo, os alunos terão a oportunidade de pensar sobre o papel das novas tecnologias no aprendizado de línguas.

O desenvolvimento deste projeto é viável, a pesquisadora faz parte da instituição e tem acesso a todos os dados e informações necessários para o andamento e conclusão do trabalho.

## **2 Objetivos**

### **2.1 Objetivo Geral**

1. Este estudo visa gerar subsídios para contribuir em estudos de melhoria dos processos de ensino-aprendizagem de língua inglesa.
2. Investigar a realidade do uso da Internet nas salas de aula, a importância dos recursos tecnológicos no ensino atual, e a tendência em se aderir a essas tecnologias.

### **2.2 Objetivo Específico**

1. Investigar o uso da Internet nas salas de aulas para aquisição de língua inglesa.
2. Investigar se a Internet favorece o ensino-aprendizagem de línguas e como essas tecnologias são aceitas pelos alunos e professores do primeiro ao terceiro ano do ensino médio em uma escola pública estadual na cidade de Marília.
3. Verificar a partir de dados coletados em entrevistas feitas com os alunos e professores desta instituição de ensino as possíveis

vantagens e desvantagens do uso da Internet nas salas de aulas para o ensino-aprendizagem de um segundo idioma, ou seja, como e com que frequência à aprendizagem monitorada por recursos tecnológicos acontece.

4. Propor uma estratégia de aprendizagem diferenciada, visando melhorar a eficácia do processo ensino-aprendizagem da língua inglesa.

### **3 Principais Pressupostos Teóricos**

#### **3.1 Teoria Sociointeracionista de Lev Vygotsky**

A utilização de material da web para aprendizagem de línguas encontra respaldo na teoria sociointeracionista de Vygotsky (1991), na versão forte da abordagem comunicativa, assim os aprendizes aprendem buscando informação no mundo e construindo seu próprio conhecimento e não através de informações transmitidas por outros. O conhecimento é construído pelo indivíduo através de ações no mundo, portanto ao ensinar nossos alunos a buscar e processar informações armazenadas na web estaremos contribuindo para formar cidadãos responsáveis pela construção de seu conhecimento e preparados para a aprendizagem ao longo da vida.

O sociointeracionismo surge da ênfase no social. Os estudos de Vygotsky sobre o aprendizado decorrem da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. Para o psicólogo, “na ausência do outro, o homem não se constrói” (VYGOTSKY, 1995, p. 130).

Para Vygotsky (1995), a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor – ou seja, homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Para ele o que interessa é a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, a chamada experiência pessoalmente significativa.

Outro conceito-chave da teoria de Vygotsky é a mediação. Segundo a teoria Vygotskiana, toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem – que traz consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito. (LURIA, 1976).

Todo aprendizado é necessariamente mediado – e isso torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante – para quem cabe à escola facilitar um processo que só pode ser conduzido pelo próprio aluno. Segundo Vygotsky (1995) o primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ter a participação de um adulto. Ao internalizar um procedimento, a criança “se apropria” dele, tornando-o voluntário e independente.

O ensino para Vygotsky (1995), deve se antecipar ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre o aprendizado e desenvolvimento, o primeiro vem antes. É a isso que se refere um de seus principais conceitos, a zona de desenvolvimento proximal, que seria a distância real de uma criação e aquilo que ela tem o potencial de aprender. Em outras palavras, a zona de desenvolvimento proximal é o caminho entre o que a criança consegue aprender sozinha e o que ela está perto de conseguir fazer sozinha.

### 3.2 Teoria de Stephen Krashen

A teoria do ensino e aprendizagem de língua estrangeira de Krashen (1987), também norteia este trabalho. Krashen é mais conhecido por sua Teoria da Aquisição da Segunda Língua: *Second language acquisition* e por ter sido cofundador (com Tracy D. Terrell, 1977) da chamada *Abordagem Natural (Natural Approach)* à aprendizagem de línguas estrangeiras.

As hipóteses de Krashen, mais especificamente a do filtro afetivo, que postula como a interação positiva professor-aluno diminui o filtro afetivo e assim, aumenta o potencial para a aprendizagem.

O elemento central da teoria de Krashen é que esta ocorre de maneira natural, exatamente como a aquisição da língua materna sob condições apropriadas. Línguas estrangeiras não são habilidades ensinadas, estudadas ou memorizadas, mas sim assimiladas e desenvolvidas gradativamente, de forma natural, em situações reais de comunicação, fruto de convívio humano em ambientes autênticos da cultura estrangeira.

O desenvolvimento e aprendizagem são processos ativos, no qual existem ações intencionais mediadas por várias ferramentas. A mais importante

dessas ferramentas é a comunicação, mais propriamente a linguagem que está na base do intelecto humano.

Tendo em vista estes pressupostos, é possível considerar que a utilização de estratégias colaborativas e o uso de tecnologias comunicativas, podem levantar questões pertinentes, bem como, resolve-las através da emergência de novos conflitos cognitivos. A aprendizagem colaborativa, por suas características próprias, representa uma resposta teórica e metodológica, proporcionando uma forma de ensinar e aprender que supera o paradigma tradicional de ensino.

Uma das hipóteses de Krashen (1987) é de que, para adquirir uma língua, o aprendiz deve ser exposto a amostras de linguagem que estejam em um nível ligeiramente acima do que ele pode processar. Ele faz distinção entre 'assimilação natural' e 'estudo formal'. "Aquisição" (*acquisition*) ocorre em situações comunicativas no mundo real. "Aprendizagem" (*learning*) ocorre em ensino formal (sala de aula).

Krashen (1987) acredita que os aprendizes de língua devem construir seu conhecimento através de processamento de enunciados de linguagem ligeiramente além de suas habilidades, como se subissem degraus de uma escada. Teoria semelhante foi desenvolvida por Vygotsky (1988), com suas Zonas de Desenvolvimento Proximal.

Krashen e Terrell (1983) também escreveram sobre a Abordagem Natural (Natural Approach), que é mais ou menos uma continuação do tema da exposição a amostras compreensíveis adicionando-se a ideia de que os filtros afetivos ou barreiras emocionais devem ser baixados para que a aprendizagem aconteça.

### 3.3 Teoria de Jean Piaget

A teoria de Piaget (1982) na construção do conhecimento consiste em uma teoria de etapas, uma teoria que pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis.

Nessa teoria, a criança é concebida como um ser dinâmico, que a todo o momento interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. Essa interação com o ambiente faz com que construa estruturas mentais e adquira maneiras de fazê-las funcionar. O eixo central, portanto, é a

interação organismo-meio e essa interação acontece através de dois processos simultâneos: a organização interna e a adaptação ao meio, funções exercidas pelo organismo ao longo da vida.

A adaptação, definida por Piaget, como o próprio desenvolvimento da inteligência, ocorre através da assimilação e acomodação. Os esquemas de assimilação vão se modificando, configurando os estágios de desenvolvimento.

Considera, ainda, que o processo de desenvolvimento é influenciado por fatores como: maturação (crescimento biológico dos órgãos), exercitação (funcionamento dos esquemas e órgãos que implica na formação de hábitos), aprendizagem social (aquisição de valores, linguagem, costumes e padrões culturais e sociais) e equilíbrio (processo de auto regulação interna do organismo, que se constitui na busca sucessiva de reequilíbrio após cada desequilíbrio sofrido).

Para Piaget (1970), a educação deve possibilitar à criança um desenvolvimento amplo e dinâmico desde o período sensório-motor até o operatório abstrato.

A escola deve partir dos esquemas de assimilação da criança, propondo atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilíbrios sucessivos, promovendo a descoberta e a construção do conhecimento.

Para construir esse conhecimento, as concepções infantis combinam-se às informações advindas do meio, na medida em que o conhecimento não é concebido apenas como sendo descoberto espontaneamente pela criança, nem transmitido de forma mecânica pelo meio exterior ou pelos adultos, mas, como resultado de uma interação, na qual o sujeito é sempre um elemento ativo, que procura ativamente compreender o mundo que o cerca, e que busca resolver as interrogações que esse mundo provoca. É aquele que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de bondade.

Quando se fala em sujeito ativo, não estamos falando de alguém que faz muitas coisas, nem ao menos de alguém que tem uma atividade observável. O sujeito ativo é aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, classifica, reformula, comprova, formula hipóteses, etc., em uma ação interiorizada

(pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu grau de desenvolvimento). Alguém que esteja realizando algo materialmente, porém seguindo um modelo dado por outro, para ser copiado, não é habitualmente um sujeito intelectualmente ativo.

Em suma, para Piaget (1974), a construção do conhecimento ocorre quando acontecem ações físicas ou mentais sobre objetos que, provocando o desequilíbrio, resultam em assimilação ou, acomodação e assimilação dessas ações e, assim, em construção de esquemas ou conhecimento. Em outras palavras, uma vez que a criança não consegue assimilar o estímulo, ela tenta fazer uma acomodação e após uma assimilação o equilíbrio é, então, alcançado.

As teorias citadas servem de base para as análise e discussão dos dados coletados através da aplicação das atividades e questionários.

#### **4 Materiais e Métodos**

O tipo de pesquisa utilizado na metodologia foi o estudo de caso qualitativo com análise e observação de um ambiente em questão (sala de aula) diante dos novos recursos tecnológicos para o ensino de Língua Inglesa. Segundo Lüdke e André (1986), esta pesquisa focaliza um caso (simples ou específico, complexo ou abstrato), que deve ser sempre bem delimitado e ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo; destaca-se por constituir-se como uma unidade dentro de um sistema mais amplo, no qual o interesse incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficarem evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações.

Os procedimentos foram realizados da seguinte forma: a fase inicial do trabalho foi pesquisa bibliográfica para análise de documentos já publicados constituídos de artigos, livros, periódicos, e materiais disponíveis na Internet para se ter um maior embasamento teórico e identificar a amplitude da aprendizagem e o melhor caminho a ser seguido para que a demonstração do conteúdo pesquisado seja abordada com sucesso; na sequência, foram realizadas entrevistas através questionários para levantamento de dados; e por último análise do que foi coletado para assim chegar a uma conclusão e montar uma estratégia de aprendizagem eficaz.

A pesquisa foi realizada com uma professora de língua inglesa, uma coordenadora pedagógica, e com alguns alunos do Ensino Médio, sendo 10 alunos do 3º ano, 18 alunos do 2º ano e 20 alunos do 1º ano com idade entre 15 e 18 anos totalizando 50 participantes de uma escola estadual na cidade de Marília. A intenção da pesquisa é a de descobrir a realidade sobre a utilização da Internet nas salas de aula da escola onde a pesquisa foi desenvolvida. Para a pesquisa de dados foi utilizado um questionário dissertativo com a coordenadora pedagógica da escola, depois mediante autorização do diretor também foi aplicado aos alunos e à professora das turmas referidas.

Inicialmente foi feito um contato com as pessoas e instituição envolvida a fim de explicar os motivos da pesquisa e então foi agendado o dia para coleta de dados.

O interessante seria pesquisar mais instituições, pois na atual sociedade humana é fundamental colocar o conhecimento à disposição de um número cada vez maior de pessoas e para isso é preciso dispor de ambientes de aprendizagem em que as novas tecnologias sejam ferramentas instigadoras, capazes de colaborar para uma reflexão crítica, para o desenvolvimento da pesquisa, sendo facilitadoras da aprendizagem de forma permanente e autônoma.

## **5 Resultado e Análise de Dados**

O trabalho com a Internet constitui um meio de relevantes possibilidades pedagógicas, já que não se limita ao que constitui estritamente uma disciplina, permitindo a inter e a pluridisciplinaridade, possibilitando uma educação global e estimulando o funcionamento dos processos de tratamento da informação, nos conteúdos e programas de cada nível.

Cada época surge uma forma própria de comunicar-se: o bilhete, o telégrafo, o telefone fixa e móvel, e agora a Internet. As necessidades de comunicação são muitas. E assim o *homo sapiens* está a converter-se em *homo digitalis* com a introdução, na vida diária, dos computadores, da Internet e dos telemóveis. (BENEDITO, 2003, p. 191).

A princípio a pesquisa seria com todos os alunos do Ensino Médio, porém somente alguns responderam o questionário com responsabilidade e aceitaram colaborar com a pesquisa.

Após o contato inicial com a escola, a documentação foi entregue para a Coordenação/Direção e em seguida aplicada aos alunos. A coordenadora não se opôs em a própria pesquisadora aplicar os questionários.

Os questionários destinados a Coordenadora da escola e a professora da turma foram aplicados tranquilamente, elas foram atenciosas e se dispuseram a ajudar no que fosse necessário.

As análises dos dados foram realizadas em duas partes. No primeiro momento, foi realizada análise por intermédio dos questionários que produziram dados quantitativos. A intenção era descobrir se a internet está sendo utilizada em sala de aula, como acontece essa utilização e o tipo de interação dos alunos e professores. Com estes dados foi possível responder à pergunta de investigação sobre o uso da internet para o ensino-aprendizagem em língua inglesa.

Na segunda parte, foi feita a análise dos dados qualitativos (perguntas dissertativas) da coordenadora, professora e dos alunos. A apresentação da pesquisa qualitativa tem objetivo de investigar se a internet auxiliou na aprendizagem, se houve dificuldades com o computador ou a internet, se a professora passou por capacitação para utilizar os recursos tecnológicos, como foram implantados os recursos tecnológicos, quais teorias de aprendizagem estão envolvidas no ensino, como tem sido a recepção destas tecnologias e que função tem a tecnologia. Nesse sentido, busca-se verificar se a internet de fato auxilia na aprendizagem.

Portanto, foram utilizados três questionários (apêndices A, B e C), sendo possível coletar dados com as pessoas envolvidas nesse processo: coordenação, professora e alunos.

Os resultados apresentados a seguir se referem ao questionário objetivo e dissertativo aplicado aos alunos, à professora e à coordenadora da instituição de ensino pesquisada.

Referente à frequência da realização das aulas de língua inglesa em língua materna dos alunos dizem que as aulas são quase inteiras em língua materna, devido à falta de domínio por parte dos alunos; a professora confirma

esse dado. Segundo relatos dos alunos a professora trabalha com textos em inglês e os auxilia na leitura de tais enfatizando as palavras-chaves, os falsos cognatos e também as preposições.

Segundo todos os alunos, a professora sempre faz *feedbacks* em sala, sendo que os alunos do terceiro ano enfatizam que é realizado em pequenos grupos e os demais afirmam que acontece com toda a turma.

Para os alunos do primeiro ano do Ensino Médio, a professora sempre utiliza a internet em sala de aula e os alunos do segundo e terceiro ano dizem que isso não acontece com frequência. A professora confirma os dados, e afirma que isso ocorre devido à disposição das aulas. Na sala do primeiro ano do Ensino Médio as aulas de língua inglesa sempre acontecem logo pela manhã, o que facilita o uso dos aparelhos tecnológicos e a atenção por parte dos alunos. De acordo com todos os alunos a professora sempre que possível leva seu notebook para fazer aula com slides, filmes e músicas relacionadas com os conteúdos apresentados nos cadernos do aluno oferecido pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Isto é possível, pois a escola possui aparelho de multimídia que permite o acesso a Internet dentro das salas de aulas.

A professora demonstrou interesse e preocupação em usar a internet e sempre está pronta para auxiliar seus alunos em quaisquer dúvidas com os recursos tecnológicos, bem como fazer o uso da língua estrangeira em sala. Ferreira (2004, p.28) diz que: “o que é importante do ponto de vista da qualidade motivacional é haver algum tipo de interatividade, seja com a máquina, seja com outros participantes através da máquina o que pode tornar o curso mais interessante”.

Os exercícios feitos através da internet segundo alunos e professores, são os preenchimentos de lacunas, seguidos das atividades de perguntas e respostas enfatizando a leitura, audição e escrita.

Segundo relatos da professora outros tipos de exercícios são utilizados nas aulas através de vídeos, jogos e músicas.

Os textos retirados da internet sempre são bem escolhidos segundo 60% dos alunos. Para a professora, é preciso considerar o conhecimento prévio dos alunos e relata que o tipo de interação mais utilizada é professor-aluno, aluno-aluno e aluno-conteúdo. 75% dos entrevistados dizem que a teoria de

aprendizagem de línguas mais usada é sociointeracionista, e todos afirmam que o método e a abordagem é Comunicativo.

Com esses dados, é possível observar que esta escola usa a internet como outra forma de ensino-aprendizagem. Os alunos trabalham a escrita através de atividades de perguntas e respostas, trabalham a leitura, e usam atividades diferenciadas que proporcionam interação entre os alunos, além de permitir a troca de informações e experiências de diversos assuntos.

Através da observação dessas respostas, percebe-se que os alunos ainda possuem muitas dificuldades em aprender uma segunda língua, mas a professora e os alunos reconhecem a importância dela no ensino atual. Nota-se então que mesmo não tendo adquirido o conhecimento de inglês esperado no Ensino Médio, os alunos e a professora procuram atividades na internet que os ajudem na aquisição da língua.

A análise do questionário dissertativo (Pesquisa Qualitativa) evidencia que o ensino comunicativo propõe o foco no uso da língua através da interação. Com o ensino comunicativo é possível dinamizar as aulas e fazer com que o ensino seja interativo, e, ainda poder trocar experiência com o outro. É o que afirma a Coordenadora, “a abordagem utilizada é a comunicativa e os recursos tecnológicos promovem a comunicação entre alunos e professora”.

De acordo com a coordenadora, “tanto os professores quanto os alunos, tem uma receptividade muito boa em relação ao uso da internet, pois ela enriquece e proporciona variedades às atividades realizadas na sala de aula”, isso porque a internet está inserida diariamente na vida destes alunos, professores e coordenadores. E por ser um recurso prazeroso, desperta o interesse dos alunos.

Para a utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula a coordenadora explica que “a escola disponibiliza a todos os professores aparelhos de TV, DVD, aparelhos de multimídias, retroprojetores, além da sala de informática com todos os computadores em boas condições de uso”. Para Moran (2010, p. 50), “é imprescindível que haja salas de aulas conectadas, salas de aulas adequadas para pesquisa, laboratórios bem equipados”.

A coordenadora demonstra preocupação em acompanhar a evolução tecnológica, e faz estudos sobre o uso dessas ferramentas para saber adequá-las em sala de aula. Ainda de acordo com Moran (2010, p.63), “a internet é um

novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode nos ajudar rever, ampliar e a modificar as formas atuais de ensinar e aprender”.

De acordo com a professora e a Coordenadora, o corpo docente deve estar em constante formação, pois “a tecnologia é mais um recurso que tanto professor como aluno possuem para auxiliar no aprendizado da língua”. “É um recurso que traz inovação para a sala de aula”. “Para o aluno, o uso de recursos tecnológicos pode tornar o aprendizado mais produtivo”. “Uma sala e uma escola bem equipadas auxiliam no trabalho docente e discente, trazendo facilidades e opções que apenas quadro e giz não podem oferecer, acrescenta a coordenadora”.

Segundo relatos dos alunos “o ensino com o auxílio da internet facilita bastante, pois todos estão conectados o tempo todo, com isso alguns termos, palavras na língua inglesa estão se inserindo no vocabulário português”. “Atualmente as pessoas se interessam mais pela língua inglesa e com a ajuda da internet vão se atualizando”. Os alunos entrevistados acreditam que “o uso das tecnologias em sala de aula é muito importante, porque trabalha de forma diferenciada despertando no aluno motivação e fazendo com que as aulas sejam interativas e dinâmicas”.

De certa forma, é possível observar que mesmo os alunos relatando o pouco domínio da língua, com essas narrativas percebemos que com o surgimento da internet, o ensino-aprendizado de língua inglesa fica facilitado. Sendo assim, o fato de a internet ser utilizada no dia a dia faz com que o aluno não encontre dificuldades em lidar com ela, diminuindo assim a probabilidade de rejeição. Essa nova tendência tecnológica está cada vez mais presente na vida das pessoas, tendo uma grande repercussão nas escolas. Salas de bate papo, *orkut*, *blogs*, *twitter* e o *msn* são presenças constantes na vida desses jovens. (MENEZES, 2010, p.123)

Diante dos dados dessa pesquisa, foi possível observar que a internet tem sido usada, e tanto os alunos quanto os professores têm consciência da importância de se inovar no ensino.

Sendo assim, Kenski (2007) afirma que através do contato com equipamentos tecnológicos, os aprendizes guardam em suas memórias informações e vivências que foram incorporadas das interações com o uso dos recursos midiáticos. Informações que se tornam referências, ideias que são

capturadas e servem de âncora para novas descobertas e aprendizagens, que vão acontecer de modo mais sistemático nas escolas, nas salas de aula. Um programa de TV, a notícia do telejornal, a campanha feita pelo rádio, mensagens trocadas na internet, jogos interativos de todos os tipos são fontes de informação e de exemplos que ajudam na compreensão de conteúdos e a aprendizagem.

## Referências

BENEDITO, J. *Dicionário da Internet e do Telemóvel*. Lisboa: Centro Atlântico, 2003.

FARIAS, E. *Elaboração de Instrumentos de pesquisa – entrevistas e questionários*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2002.

FERREIRA, A. Avaliação de Aspectos Motivacionais da interface de cursos de Inglês baseados em web com Webmac (Website motivational analysis checklist). In: COLLINS, H.; FERREIRA, A. (Org.). *Relatos de Experiência de Ensino e Aprendizagem de Línguas na Internet*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

HADFIELD, J. *Manual Oxford de introdução ao ensino da língua inglesa*. Tradução de Sueli Monteiro. Curitiba: Positivo, 2009.

IVIC, I.; COELHO, Edgar Pereira (Org.). *Lev Semionovich Vygotsky*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

KRASHEN, S.; TERREL, T. *The Natural Approach: Language Acquisition in the classroom*. Oxford: Pergamon, 1983.

KRASHEN, S. D. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

MATUI, J. *Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino*. São Paulo: Moderna, 1995.

MORAN, J. M. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

MOREIRA, M. A. A teoria da mediação de Vygotsky. In: *Teorias da Aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1999.

NORTE, M. B. Estudo cooperativo e auto-aprendizagem de línguas estrangeiras por meio de tecnologias de informação e comunicação/internet. *In: Ambientes Virtuais de Aprendizagem*. Artmed, 2005.

PAIVA, V. L. M. O. A www e o ensino de Inglês. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 1, n. 1, p.93-116, 2001.

PIAGET, J. *A construção do real na criança*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

PIAGET, J. *A equilibração das estruturas cognitivas*. Tradução de Marion Merlone dos Santos Penna. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J.; GRECO, P. *Aprendizagem e conhecimento*. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Campinas (SP), v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

VENTURI, M. A. *Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados*. São Paulo: Contexto, 2006.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Tradução de Maria da Penha Villalobo. São Paulo: Ícone/EPU, 1988.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jéferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

*Recebido em 15 de outubro de 2016  
Aprovado em 28 de dezembro de 2018*

Para citar e referenciar este artigo:

OLIVEIRA, Elisama Maria da Silva. O uso da internet nas salas de aula para o Ensino de Língua Inglesa. *InFor, Inov. Form., Rev. NEaD-Unesp*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 178-194, 2018. ISSN 2525-3476.

## **Apêndices**

### APÊNDICE A

Questionário destinado ao coordenador pedagógico e/ou diretor da escola

1) Quais são as vantagens e desvantagens na aprendizagem mediada por recursos tecnológicos?

---

2) De que maneira o uso da internet acontece nas salas de aula e como pode contribuir para o processo de aprendizagem relacionado à língua inglesa por alunos do Ensino Médio desta escola pública?

\_\_\_\_\_

3) Quais ações podem ser desenvolvidas para que o uso da internet possa contribuir para o processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa no Ensino Médio?

\_\_\_\_\_

4) Qual a receptividade do uso das tecnologias (internet) pelo professor e pelo aluno?

\_\_\_\_\_

5) Há formação do professor para trabalhar com a tecnologia? Como é feita essa formação?

\_\_\_\_\_

6) Que função tem a internet para esse professor e para o aluno?

\_\_\_\_\_

#### APÊNDICE B

Questionário destinado ao professor da turma

1) Qual teoria de aprendizagem é abordada em suas aulas com os alunos do Ensino Médio desta escola pública?

\_\_\_\_\_

2) Quais são os métodos de ensino/aprendizagem de línguas são usados em suas aulas?

\_\_\_\_\_

3) Com que frequência às aulas de língua inglesa são realizadas em língua materna?

\_\_\_\_\_

4) Com que frequência às aulas de língua inglesa são realizadas em língua estrangeira?

\_\_\_\_\_

5) Quais habilidade(s) são focalizada(s) nas atividades realizadas no computador?

6) A Instituição disponibiliza ajuda em caso de dúvidas com os recursos tecnológicos (internet)?

\_\_\_\_\_

7) Você faz feedback com os alunos depois das aulas no computador? Como você realiza esses feedbacks?

\_\_\_\_\_

8) Com qual frequência você usa as seguintes ferramentas para as atividades:

Chat: ( ) sempre ( ) às vezes ( ) nunca

Fórum: ( ) sempre ( ) às vezes ( ) nunca

E-mail: ( ) sempre ( ) às vezes ( ) nunca

Outros. Qual/Quais? \_\_\_\_\_

( ) sempre ( ) às vezes ( ) nunca

\_\_\_\_\_

9) Quais tipos de interações você utiliza através da internet?

---

10) Há capacitação dos professores para utilizar os recursos tecnológicos em sala de aula? Se sim, como?

### APÊNDICE C

Questionário destinado aos alunos

1) Com que frequência às aulas de língua inglesa são realizadas em língua materna?

---

2) Com que frequência às aulas de língua inglesa são realizadas em língua estrangeira?

---

3) Você usa a tecnologia (internet) em sala de aula? Com que frequência?

---

4) O que você mais faz quando tem aulas no computador?

---

5) Quais atividades a seguir você faz através da internet?

- perguntas e respostas
  - preenchimento de lacunas
  - outros.
  - não utilizam
- 

6) Com que frequência os professores fazem uso das seguintes ferramentas?

- Chat:  sempre  às vezes  nunca  
Fórum:  sempre  às vezes  nunca  
E-mail:  sempre  às vezes  nunca  
Outros. Qual/Quais?
- 

07) O professor faz feedback depois das aulas no computador?

08) Depois da utilização das novas tecnologias, mais precisamente a internet, a aquisição de língua inglesa facilitou? De que forma ela auxiliou nesta aquisição?

---

09) Você teve dificuldades com o computador ou a internet em alguma aula? Quais?

10) Você considera a utilização das tecnologias em sala de aula importante? Por quê?

---



## **Influência das relações familiares no desenvolvimento da linguagem do estudante com surdez na Educação de Jovens de Adultos<sup>1</sup>**

**Elifas Trindade De Paula**

*Licenciado em História e Pedagogia. Especialista em Educação Inclusiva: Deficiências Múltiplas e em Educação Especial com ênfase em Deficiência Auditiva.*

*Professor do Ensino de História da Rede Municipal de Educação de São Paulo/SP*

*elifasdepaula@yahoo.com.br*

**Maria Candida Soares Del-Masso**

*Doutora em Educação. Professora na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP. Coordenadora adjunta do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Pesquisadora associada ao Núcleo de Educação a Distância da Unesp.*

*del.massso@unesp.br*

### **RESUMO**

Esta pesquisa teve o objetivo de investigar como o estudante surdo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) avalia o uso de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pelos membros de sua família como suporte do seu processo de aprendizagem. Participaram da pesquisa cinco (5) estudantes com idade entre 21 e 60 anos que responderam questões abertas sobre a comunicação no contexto familiar e extrafamiliar. Os dados obtidos demonstram que o desconhecimento da língua de sinais limita a comunicação e, conseqüentemente, o desenvolvimento do estudante surdo. Constatou-se que a escola, ainda que de modo incipiente, oferece oportunidades aos familiares para a aprendizagem da língua de sinais, o que já pode ser considerado um efeito das políticas públicas implementadas a partir do reconhecimento legal da língua de sinais como natural dos surdos, em 2002. Observou-se ainda que, apesar da baixa adesão aos projetos das famílias envolvidas, notou-se o protagonismo dos surdos na busca de outros espaços para as trocas e comunicações, em especial nas escolas e nas igrejas. Considerando que todos os entrevistados nasceram antes do reconhecimento da LIBRAS como língua natural dos surdos e da implementação de um conjunto de políticas públicas, a pesquisa sugere estudos complementares para avaliar os efeitos dessas políticas e como elas contribuem para o desenvolvimento do estudante surdo.

**Palavras-chave:** Surdez. Deficiência Auditiva. LIBRAS. Família.

## **Influence of family relations on the development of the language of the deaf student in the Education of Young Adults**

### **ABSTRACT**

The objective of this research was to investigate how the deaf student of the Education of Young and Adults (EJA) evaluates the use of the Brazilian Language of Signals - LIBRAS by the members of his family as support of his learning process. Five (5) students aged between 21 and 60 years who answered open questions about communication in family and extrafamilial contexts participated in the study. The data obtained demonstrate that the lack of knowledge of sign language limits communication and, consequently, the development of the deaf student. It was found that the school, although in an incipient way, offers opportunities to the relatives for the learning of the sign language, what already can be considered an effect of the public policies implemented from the legal recognition of the sign language like native of the deaf, in 2002. It was also observed that, despite the low adherence to the projects of the families involved, the deaf people were prominent in the search for other spaces for exchanges and communications, especially in schools and in churches. Considering that all the interviewees were born before the recognition of LIBRAS as the natural language of the deaf and the implementation of a set of public policies, the research suggests complementary studies to evaluate the effects of these policies and how they contribute to the development of the deaf student.

**Keywords:** Deafness. Hearing deficiency. LIBRAS. Family.

### **1 Introdução**

Segundo Vygotsky (2008), é a linguagem que determina o desenvolvimento do pensamento, isto é, a linguagem é definidora da constituição da humanidade, na medida em que o ato de pensar é próprio do humano.

Sabemos, pelo menos desde Platão (1997), que é pelos sentidos que se dá a representação mental do mundo concreto. Assim, a função da escola, na concepção de uma educação inclusiva, é desenvolver os mecanismos e criar situações para que todos os estudantes, com ou sem deficiência, construam essa representação do mundo concreto.

Nas últimas décadas observa-se grandes avanços no processo de inclusão das pessoas com deficiência na escola regular e em todos os espaços da sociedade. O Brasil é signatário de convenções internacionais, entre as quais destacamos a Convenção da Guatemala, internalizada à Constituição Brasileira pelo Decreto nº 3.956/2001 (BRASIL, 2001, p. 3), que em seu artigo 1º define deficiência como: “[...] uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”.

Quando falamos especificamente da pessoa com surdez, a legislação brasileira reconhece, pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como língua natural dos surdos. No Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), que regulamenta a lei anteriormente citada, define o Português como segunda língua para a formação integral da pessoa com surdez. Isso tem implicações no trabalho escolar, como aponta Damázio (2007), que defende o ambiente como espaço privilegiado para o trabalho pedagógico com o estudante surdo.

A proposta de uma educação bilíngue para o estudante surdo permite que ele tenha um desenvolvimento na sua língua natural e, simultaneamente, aprenda o português como forma de ampliar o acesso aos bens culturais em um contexto predominantemente de ouvintes.

Para tanto, além do acesso à educação bilíngue – que deve ser garantido pelo Estado – também à família cabe a responsabilidade pelo processo de aprendizagem desses jovens e adultos para que possam ter uma vida realmente integrada ao meio sociocultural. Considerada a linguagem como fator de desenvolvimento humano e a língua de sinal como natural do surdo, a comunicação familiar se torna imprescindível para o seu pleno desenvolvimento.

Assim, é importante considerar que a prática de conversação em LIBRAS realizada pelos membros da família contribui para o desenvolvimento da linguagem do estudante com surdez durante o seu processo de escolarização, aspecto que será investigado no estudo a partir do ponto de vista do estudante.

## 1.1 Objetivo

O objetivo deste estudo consistiu em investigar como o aluno surdo avalia a importância do uso de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelos membros de sua família como suporte ao processo de aprendizagem.

## **2 A linguagem como fator de desenvolvimento humano**

Relacionar a linguagem ao processo de desenvolvimento humano significa compreendê-la, por um lado, como parte do momento que separou o ser humano da natureza e, por outro, como processo histórico em constante processo de mudança em diferentes povos e gerações.

Uma dimensão filosófica desse movimento nos é apresentada por Engels (1896) em um texto intitulado “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem”. Nesse texto, escrito em 1876, o pensador inglês apresenta o trabalho como fator decisivo na constituição do humano. Assim, o autor ressalta que em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem, finaliza Engels (1896). Este *até certo ponto* é fundamental para compreendermos o pensamento do autor, pois, na continuidade daquele texto percebemos o trabalho apenas como atividade prática inicialmente, e se torna uma atividade elaborada por uma conjunção de cérebro, fala e músculos. Na sequência do texto, Engels (1896) aponta que graças à operação da mão, dos órgãos da linguagem e cérebro, não só em cada indivíduo, mais também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas.

Em seus estudos sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, o pensador russo Alexander Romanovich Luria (1986), não só apresenta a mesma ideia fundamental de Engels, como também, junto com o grupo liderado por Vygotsky, aprofunda as pesquisas científicas que comprovam a importância da linguagem na constituição do humano.

Entendida nessa perspectiva, a linguagem possibilitou um salto de qualidade na história evolutiva do homem, pois ela é considerada como um dos instrumentos-chave da capacidade de apreensão da realidade concreta pelo homem, em outras palavras, é pela linguagem que o homem toma consciência da realidade, transformando-se num ser cultural e histórico (LURIA 2015).

Esse processo torna-se possível porque o ser humano cria signos para representar mentalmente o mundo material, ou seja, as palavras são a representação simbólica dos objetos, animais e todo que de uma forma ou de outra faz parte da relação do homem com o meio. Vygotsky (2008) defende a tese de que a unidade entre a linguagem e o pensamento está no significado das palavras.

A concepção de significado das palavras como uma unidade tanto do pensamento generalizante quanto do intercâmbio social é de valor inestimável para o estudo do pensamento e da linguagem, pois permite uma verdadeira análise genético casual, o estudo sistemático das relações entre o desenvolvimento da capacidade de pensar da criança e o seu desenvolvimento social (VYGOTSKY, 2008, p. 8).

Além da capacidade de apreensão da realidade, a linguagem possibilita também a transmissão das experiências adquiridas na relação da ação transformadora do homem sobre a natureza.

Assim temos a relação dialética estabelecida entre o trabalho e linguagem na constituição e desenvolvimento do homem. Essa articulação entre linguagem e trabalho; a primeira decorrente, inclusive, de mudanças anatômicas e o último como ação humana transformadora da natureza, modificam o meio social. Em que pese as diversas formas utilizadas para transmissão cultural, em nossos estudos, abordamos a fala como ferramenta que possibilita difusão social das experiências socialmente estabelecidas.

Essa transmissão de experiências e informações acontece na relação entre as pessoas e começa nos primeiros meses de vida, ou mesmo antes do nascimento, ressalta Vygotsky (2008). Tendo esse processo complexidade variada entre indivíduos ou entre sociedades, como podemos observar em diversas pesquisas, sendo que entre os autores que apresentam estudos nessa área estão Vygotsky e seus seguidores que citam relatos de experimentos realizados, juntamente com Luria, Leontiev e seus colaboradores, o que ocorre em diferentes fases do desenvolvimento humano em diferentes povos (VYGOTSKY, 2016).

Assim, a linguagem como fator de apropriação do conhecimento que possibilita a real inclusão dos indivíduos no meio sociocultural, se faz

fundamental na apropriação da linguagem bilingue, ou seja, da pessoa com deficiência auditiva que necessita dominar não só a LIBRAS, mas a Língua Portuguesa, para que possa realmente estar inserido no mundo e no mercado de trabalho.

## 2.1 A língua de sinais para o desenvolvimento do estudante surdo numa escola inclusiva

Podemos depreender das leituras já citadas que a linguagem cumpre um papel decisivo na constituição do ser humano. Observamos pelas pesquisas, principalmente as citadas por Vygotsky e seus colaboradores, que a fala como instrumento possibilita ao homem apreender o mundo externo, internalizando-o em forma de conceitos ou generalizações.

No entanto, quando usamos os termos fala, palavras, ou linguagem, o que nos vem à mente é o exercício das crianças falando as suas ações, ou de um adulto pensando, em palavras, as etapas de um projeto conforme pontuado em documento institucional do Ministério da Educação (BRASIL, 2008). Ou seja, pensando em falas que produzem sons, característica dos ouvintes.

Porém, quando nos deparamos com uma pessoa com deficiência auditiva ou surdez, muitas vezes associamos isso a um transtorno do desenvolvimento ou deficiência intelectual e nos perguntamos se o seu desenvolvimento é possível relacionar ao mesmo referencial?

Novamente recorreremos aos estudos de Vygotski (2012), que no texto sobre os fundamentos da defectologia como ciência, pois só se justificaria a medida que reconhecesse que o desenvolvimento da criança se dá de outro modo, nem menos nem mais que o desenvolvimento das crianças consideradas normais.

Esse posicionamento do autor é fundamental para compreendermos as diferenças entre os indivíduos, inclusive no que se refere ao seu desenvolvimento. A aprendizagem acontece pelos órgãos do sentido e a ausência, ou deficiência de um dos órgãos, não significa impossibilidade de aprender. Devemos focar sempre nas habilidades e não nos deixar fortalecer pelos impedimentos. Para Vygotsky (2012) o problema não está no indivíduo, ou no órgão, mas nas condições ambientais.

Isso por que o organismo funciona como um todo e o cérebro humano possui a capacidade de fazer e desfazer apreensões e conexões que transformam a informação em conhecimento fortalecendo o mecanismo de plasticidade cerebral, ação essa inserida nos estudos por Vygotsky.

Mas esse processo não acontece sem interferência do ambiente em que as tramas sociais de cada indivíduo ou sociedade acontecem. Por isso, pensadores como Piaget, Vygotsky, Wallon, entre outros, atribuem papel decisivo à interação social na constituição do sujeito, menciona La Taille (1992).

Evidentemente, essa forma de olhar a aprendizagem provoca mudança de paradigmas da educação, principalmente, quando partimos do pressuposto de uma educação inclusiva, que pretende atender a todos, considerando suas especificidades, pelo menos nos termos de uma “Educação Inclusiva: com os pingos nos ‘is’”, como cita Carvalho (2004, p. 155).

Neste sentido, para garantir a aprendizagem para os estudantes surdos ou com deficiência auditiva as instituições devem organizar espaços de educação bilíngue seguindo as orientações de documentos oficiais (BRASIL, 2005). Além da educação bilíngue, é fundamental esclarecer que a primeira língua, a língua natural do surdo é a de sinais, no Brasil, denominada LIBRAS conforme mencionamos anteriormente.

Para Skliar (1999, p. 28) o reconhecimento da língua de sinais como a primeira língua natural do surdo, não é apenas uma questão de fala e comunicação, mas uma forma diferente de viver e compreender o mundo. Ou seja, o processo de aprendizagem e processamento de informações, pela pessoa surda acontece pela experiência viso-espacial, e isso traz diferenças cognitivas e culturais que vão formar as particularidades da comunidade surda.

Nesse sentido, a apreensão da LIBRAS é de fundamental importância para o indivíduo surdo e para sua família que durante a infância e adolescência precisa dar suporte ao processo de aprendizagem. Não basta o aluno surdo aprender na escola, é preciso ter o acompanhamento e reforço por parte do grupo familiar.

## 2.2 A comunicação familiar e sua importância para o desenvolvimento da linguagem do estudante com surdez

Nos itens anteriores analisamos que a linguagem é fundamental para o desenvolvimento humano e também que as pessoas com surdez ou deficiência auditiva usam língua diferente para se comunicar entre seu próprio grupo e com o mundo – a língua de sinais.

Mas a linguagem, assim como todo conhecimento humano, só pode ser entendida como construção coletiva, fruto de experiências e relações sociais. De certo modo, esse processo perpassa todos os grupos sociais dos quais o indivíduo participa, desde a família, passando por instituições como as igrejas, as organizações de classe, as escolas, atingido toda a sociedade. E a necessidade de transmitir informações toma proporções cada vez maiores com o desenvolvimento da sociedade; de tal forma que a preocupação com a aprendizagem parece se transformar no centro das atenções de profissionais e/ou governos para se pensar em adequadas políticas públicas.

No livro I de “Emílio, ou, Da Educação”, Rousseau (2004, p. 13) recomenda a leitura de *A República*, do filósofo grego, Platão, com a seguinte avaliação: “Não é uma obra de política, como pensam os que julgam os livros pelo título: é o mais belo tratado de educação jamais escrito”. Com ideia de construir o Sistema Nacional de Educação, é apresentado um documento governamental intitulado: “Pátria educadora: a qualificação do ensino básico como obra de construção nacional” (BRASIL, 2015) com base nesses textos. Mas uma questão unifica as duas obras, o destaque da “educação como uma questão social”. Esses dois exemplos demonstram, no campo das ideias, a educação e o acesso ao conhecimento como a base para a construção de uma sociedade.

Para além das intensões filosóficas ou ideológicas, é importante considerar a participação dos grupos sociais para a formação do conhecimento e da linguagem dos seres humanos, como defende Wallon (2007).

Vygotsky (2007, p. 20) ao analisar os efeitos da interação social no desenvolvimento da criança apontou que “Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social”.

Mas neste estudo, nos interessa compreender o papel da família no desenvolvimento da linguagem do surdo. Consideramos família nos marcos apresentados por IASI (2007) e é por essa instituição que os seres humanos

recebem os primeiros aprendizados e também o contato com os valores sociais estabelecidos, incluindo o sistema linguístico com seus limites e possibilidades.

Já apontamos que a língua natural do surdo, inclusive com reconhecimento legal, é a língua de sinais. No entanto, essa questão não é bem resolvida na prática, pois apesar de todos os avanços tanto nas questões legais quanto no acervo teórico, existe uma ideologia dominante, a qual Skliar (2001) denomina de *ouvintismo*, que é imposta aos surdos. Salienta, ainda, que a dominação ideológica só se efetiva porque conta com apoio de profissionais de diversas áreas e dos familiares.

Essa dominação ideológica destacada por Skliar (2001), priva a criança surda do acesso à sua língua natural no momento mais importante para a aquisição da linguagem. Cabe lembrar que a maioria dos surdos vive em ambientes onde prevalece o oralismo. Conforme cita Salerno (apud FIGUEIRA, 2011, p. 31), “[...] 95% das crianças surdas vivem com pais ouvintes” e na maioria das situações, as famílias dessas crianças surdas não aceitam a surdez, em razão da carga preconceituosa provocada pelo longo período em que a condição de surdo foi tratada como doença.

No entanto, Lacerda (2016) destaca que apesar desse conflito, a gestualidade acaba sobressaindo, pois é um desejo e uma necessidade do surdo:

A luta entre as linguagens oral e gestual, apesar de todos os bons propósitos dos pedagogos, em geral, acaba sempre com a vitória da gestualidade, não porque seja mais fácil, mas porque essa é uma verdadeira língua em toda a riqueza de seu significado e funções, enquanto a pronúncia oral das palavras ensinadas artificialmente representa somente um modelo morto da linguagem viva para essas pessoas privadas da audição (LACERDA, 2016, p. 4).

A solução encontrada para esse conflito é a educação bilíngue para o surdo e podemos identificar o desenvolvimento dessa modalidade em um conjunto de artigos organizados e divulgados por Fernandes (2010) podendo compreender o conceito de educação bilíngue e seus efeitos práticos na vida dos estudantes surdos.

Kyle (1999) em seu texto ressaltando a necessidade de um ambiente bilíngue, chama atenção para o problema de a educação bilíngue ser parte de

uma estrutura dominada por ouvintes, seja na organização curricular ou nos profissionais responsáveis, e destaca a importância da família nesse contexto, pois “As famílias existem antes, durante e depois das escolas bilíngues. Na verdade, a família é o hospedeiro mais autêntico do bilinguismo” (SKLIAR, 1999, p. 22).

Assim, é importante avaliar os efeitos desde conflito para o desenvolvimento do surdo, pois esse processo pode ser doloroso para ele, trazendo graves consequências para o seu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional. Por isso, é importante entender como o estudante surdo que frequenta o sistema de Educação de Jovens e Adultos avalia a participação da família no desenvolvimento de sua linguagem, objeto deste estudo.

### **3 Percorso investigativo**

#### **3.1 Universo da pesquisa**

Esta pesquisa foi realizada na cidade de São Paulo, em um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – CIEJA. Este CIEJA está localizado na zona leste da cidade e atende estudantes trabalhadores ou filhos de trabalhadores que, por diferentes motivos, não tiveram acesso à escola na idade ideal. Nele estudam grande número de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou com deficiência auditiva e surdez. A unidade escolar oferece apoio, como interprete de LIBRAS, tradutor de LIBRAS, além de uma Sala de Recursos Multifuncionais (SRM).

É importante apontar que esta pesquisa está vinculada ao Projeto Integrado de Pesquisa “Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: política educacional, ações escolares e formação docente”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), UNESP, câmpus de Marília e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 64353216.6.0000.5406, cujo parecer é de nº 1.939.831, datado de 23 de fevereiro de 2017.

#### **3.2 Participantes**

Convidamos todos os estudantes da SRM a participarem da pesquisa. Entretanto de um total de 20 estudantes, apenas cinco (5) aceitaram o convite.

A pesquisa foi realizada com cinco (5) estudantes atendidos pela SRM de um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), todos com surdez profunda ou severa (Quadro 1).

**Quadro 1** – Caracterização dos participantes

Participante	Gênero	Idade	Ocupação	Estado civil	Diagnóstico	Escolaridade
E1	Feminino	21 Anos	Desempregada	Solteira	Surdez severa ou profunda	Módulo 3 EJA
E2	Masculino	27 Anos	Desempregado	Solteiro	Surdez severa ou profunda	Módulo 3 EJA
E3	Feminino	60 Anos	Desempregada	Solteira	Surdez severa ou profunda	Módulo 1 EJA
E4	Feminino	53 Anos	Desempregada	Casada	Surdez severa ou profunda	Módulo 3 EJA
E5	Feminino	24 Anos	Desempregada	Solteira	Surdez severa ou profunda	Módulo 3 EJA

Fonte: Elaborado pelos autores.

Desse grupo, quatro (4) participantes eram do gênero feminino e um (1) do gênero masculino, com idade variando entre 21 a 60 anos. Todos os estudantes estavam matriculados nos módulos um (1) e três (3) da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Apenas um (1) participante era casado e nenhum exercia atividade remunerada no momento da pesquisa.

Para preservar a identidade dos participantes entrevistados, nomeamos como E1, E2, E3, E4 e E5, usando como critério a ordem alfabética dos primeiros nomes. Esses dados podem ser identificados no Quadro 1.

### 3.3 Instrumentos

Para a coleta de dados utilizou-se um roteiro de entrevista, previamente testado, junto aos cinco (5) estudantes com surdez severa ou profunda que participaram do estudo.

O instrumento continha dados de identificação do participante e 15 questões com perguntas abertas e fechadas.

### 3.4 Procedimentos para a coleta e seleção de dados

As entrevistas foram realizadas na própria SRM com ajuda da professora, que fez as traduções e interpretações das perguntas e respostas, respectivamente. As perguntas foram feitas pelo pesquisador, traduzidas em LIBRAS pela professora e a respostas em LIBRAS dos participantes foi verbalizada pela professora para que todos os conteúdos pudessem ser gravados para posterior transcrição.

### 3.5 Procedimentos para a análise de dados

Os dados deste estudo receberam análise quantitativa e qualitativa, com a respectiva análise de conteúdo, compreendendo essa metodologia como uma relação dialética em seu caráter subjetivo, considerando que o pesquisador observa os dados a partir de uma concepção de mundo; e seu caráter objetivo, pois a análise tem por base os dados coletados por um instrumento elaborado para coletar dados estatísticos. (DEL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2017).

## 4 Resultados e discussões

Os dados coletados nos permitiram um duplo olhar sobre o desenvolvimento da linguagem do estudante surdo, primeiro em seu convívio familiar e, segundo, nas relações sociais estabelecidas extrafamiliar.

No aspecto extrafamiliar o primeiro fato que chamou a atenção foi o desemprego, pois todos os entrevistados se declararam desempregado e, apenas um entrevistado (E1) declarou que já trabalhou. O segundo fato foi que

apenas um participante declarou-se casado. Mesmo não sendo este o objetivo principal deste estudo, foi importante destacar que essa situação causou certo desconforto para os adultos surdos no momento das respostas.

Um terceiro aspecto a destacar foi o papel que as igrejas e a escola ocupam como espaço privilegiado para as trocas de informações, conversas e o desenvolvimento da linguagem. Todos responderam que a escola é um espaço importante para as trocas e comunicação e quatro (4) destacaram a importância da igreja.

Essas informações nos remeteram ao objetivo desta pesquisa que consistiu em investigar como o aluno surdo avalia a importância do uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelos membros de sua família como suporte ao processo de aprendizagem.

A primeira constatação importante foi a dificuldade enfrentada pelo adulto surdo na comunicação no ambiente familiar. Pudemos verificar esse aspecto de maneira mais clara nas respostas de três participantes.

Eu tô sempre junto com minha família, na troca, no relacionamento, mas a comunicação é bem complicada. (E1). (informação verbal<sup>2</sup>)  
A gente conversa, mais... é mais difícil (E2). (informação verbal)  
Não tem comunicação nada, você não entendeu? Você não entendeu que não tem comunicação [...] não tem comunicação, só vive junto, não está entendendo? (E5). (informação verbal)

Apesar de o depoimento de E5 ser pela informação da não comunicação no contexto familiar, é importante destacar que em outro momento da entrevista apontou que existe comunicação, por exemplo: “As vezes a comunicação é por celular, isso é bem complicado, bem complicado” (sic E5). No entanto, E5 tem clareza que essa forma de comunicação é insuficiente para as suas necessidades, e é “Uma comunicação um pouco mais superficial” (sic E5), afirmou de forma conclusiva.

Ao chamar a comunicação de “superficial”, E5 nos remeteu ao acervo teórico apresentado na revisão bibliográfica da pesquisa, com destaque para Skliar (2001), que tratou, entre outros assuntos, da “imposição ideológica” característico de um modelo de comunicação predominantemente ouvinte. A família não é uma instituição apartada da sociedade, mas é o seu reflexo e, de

certa forma, consciente ou inconscientemente, reproduz o modelo de exclusão ou de imposição do conjunto de valores socialmente estabelecidos.

Destacamos ainda as respostas de E4. Ele é o único participante casado e relatou que sua vida mudou completamente depois de casado, pois quando morava com os pais era muito reprimido, não podia sair de casa e quase não tinha relação com o mundo extrafamiliar. As respostas informaram que:

Antes, quando eu era solteira, era bem difícil, eu não tinha comunicação ficava só num canto amuada [...] [...] por que o pai proibia, o pai falava: “fica em casa, fica em casa não pode sair”, né? [...] não podia sair, era só em casa, sem fazer nada ali no quadradinho, sem sair, sem ter contato, sem fazer nada, sem poder namorar, sem poder casar, sem nada [...] era bem difícil quando era solteira, não é? (sic E4). (informação verbal)

Os relatos mostram também que os problemas de linguagem estão diretamente ligados à ausência ou pouco uso da língua de sinais no ambiente familiar. Quando perguntamos quantas e quais pessoas que vivem na mesma casa e se tinham a fluência em LIBRAS, tivemos as seguintes respostas:

Pouco, o básico de língua de sinais, as pessoas tem (sic E1). (informação verbal)  
Não, não tem ninguém [...] só minha prima, uma menina, que sabe eu consigo me comunicar um pouco mais em língua de sinais (sic E2). (informação verbal)  
Quem sabe um pouquinho mais é minha irmã, tem também essa pessoa aqui com esse sinal [faz um sinal com a mão com cabelo] que está aprendendo também (sic E3). (informação verbal)  
Tem uns dois que se comunicam um pouquinho, tem a vó, mas a vó está na Bahia atualmente (sic E5). (informação verbal)

Novamente, a única participante que respondeu que tem pessoa com fluência em LIBRAS na família foi E4, que disse que a filha tem fluência em LIBRAS, mas, novamente, vem a ressalva: “Hoje a comunicação é normal, a gente consegue se entender. Quando eu morava com os pais foi difícil, não tinha comunicação nenhuma”. (sic E4) e ainda ressaltou em tom de brincadeira: “Até a sogra aprendeu língua de sinais” (sic E4).

O destaque dado ao “tom de brincadeira” na fala de E4 foi para ilustrar o que poderíamos chamar de um ambiente bilíngue, do qual falou Jin Kyle citado por Skliar (1999, p. 25) ao apontar que “O ambiente bilíngue em casa se torna o

aspecto mais importante do desenvolvimento da criança”. Neste contexto também é importante as considerações de Vygotsky (2012), que destaca que o principal problema está no ambiente e não na pessoa com surdez. Acrescentamos que esse ambiente bilíngue é fundamental também para o surdo adulto que não teve acesso à LIBRAS quando criança, como é o caso do participante E4, pois isso poderia minimizar os problemas destacados por Nader e Novaes-Pinto (2011) e Stelling et al (2104).

Outro ponto importante observado nas entrevistas foi que a unidade escolar oferece apoio para a família, como curso de LIBRAS. Os estudantes sabem disso, mas relataram que a participação da família é pouca ou nenhuma, como pudemos observar nas respostas à pergunta sobre a participação da família nos cursos oferecidos pela unidade escolar:

De vez em quando eles vinham sim [...] aprenderam algumas coisas [...] (sic E1). (informação verbal)  
Minha irmã veio aprender língua de sinais aqui. (sic E3). (informação verbal)  
Não! (sic E5). (informação verbal)

Além dessas respostas observamos que E1 afirmou que chegou há pouco tempo na escola e não sabia do curso para familiares e E4 esclareceu que a família não precisava, pois aprendiam em casa.

Uma questão que podemos levantar quanto ao pouco interesse dos pais e familiares em participar dos cursos oferecidos pela escola é o que apontam Marostega e Santos (2006), que mostram que no geral as famílias buscam processos de cura da surdez, pois ainda a consideram uma doença.

Os estudantes que se dispuseram a participar das entrevistas – e é importante destacar que os outros se declararam incapazes pelas dificuldades de linguagem e comunicação – nos ofereceu uma amostra, apesar de pequena, que o adulto surdo tem clareza da influência do meio, principalmente quanto ao uso de língua de sinais no ambiente familiar para o desenvolvimento de sua linguagem, auxiliando no convívio e na inclusão educacional e social.

## 5 Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo compreender como o estudante surdo, na Educação de Jovens e Adultos avalia o uso de LIBRAS no contexto familiar para o seu desenvolvimento. Além das questões que envolvem o seu desenvolvimento, levantou-se questões sobre a opinião do estudante adulto surdo sobre a comunicação no ambiente familiar e a busca de diferentes espaços para estabelecer trocas, além da busca pela participação dos familiares nos projetos oferecidos pela escola para o ensino de língua de sinais.

A revisão bibliográfica de artigos científicos e da legislação existente sobre o tema contribuíram para esclarecer a importância da linguagem para o desenvolvimento do ser humano, bem como a importância para a língua de sinais para o surdo e também os avanços no sentido de garantir aos estudantes surdos acesso a espaços para sua aprendizagem.

O percurso investigativo deu voz aos estudantes surdos para avaliar o seu próprio desenvolvimento no contexto familiar e social. O recorte histórico, pós lei de reconhecimento da LIBRAS como língua natural do surdo, limitou a amostra, impedindo visão mais ampla do objeto de pesquisa.

No entanto, a linguagem, conforme apresentamos na revisão bibliográfica desta pesquisa, é condição *sine qua non* para o processo de desenvolvimento humano. No caso do estudante surdo, que vive numa sociedade majoritariamente ouvinte, é imprescindível o bilinguismo.

É importante reconhecer que houve avanços nas últimas décadas com a organização das comunidades surdas com reflexo no conjunto legal e normativo, principalmente no reconhecimento da LIBRAS, como língua natural do surdo e o Português, como segunda língua. Também houve avanços na implementação das políticas públicas, como a criação das escolas bilíngues para surdos.

No entanto, sem a participação da família o desenvolvimento do surdo será sempre um desenvolvimento incompleto, limitado, aquém das necessidades para uma plena participação na vida em sociedade.

Diante do exposto, temos que atentar para algumas questões que merecem ser pontuadas.

Considerando que esta pesquisa priorizou o estudante adulto que, conforme o Quadro 1, nasceram depois do reconhecimento legal da LIBRAS como língua natural do surdo (BRASIL, 2005) e da implementação das políticas

públicas, este estudo sugere a importância em se pesquisar aspectos complementares como os que destacamos a seguir:

1. É fundamental avaliar as diferenças de desenvolvimento entre os estudantes que tiveram acesso à LIBRAS na infância e os que não tiveram.
2. Os professores envolvidos no processo educacional de estudantes surdos percebem a diferença na aprendizagem desses estudantes?
3. As políticas públicas destinadas ao atendimento dos estudantes surdos estão sendo efetivas para atender às suas necessidades?

Estas e outras questões poderiam ser essenciais para averiguar a efetividade das políticas públicas numa sociedade que se pretende inclusiva.

## Referências

BRASIL. *Pátria educadora: a qualificação do ensino básico como obra de construção nacional*. Brasília, 2015. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/patriaeducadora/documento-sae.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2018.

BRASIL. *Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 5 - TP5: estilo, coerência e coesão*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2008/gestar2/lingport/tp5\\_lingport.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2008/gestar2/lingport/tp5_lingport.pdf). Acesso em: 27 dez. 2018.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília/DF, 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 27 dez. 2018.

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília/DF, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 27 dez. 2018.

BRASIL. *Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001*. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/guatemala.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.

CARVALHO, R. E. *Educação inclusiva: com os pingos nos "is"*. Porto Alegre: Mediação 2004.

DAMÁZIO M. F. M. *Atendimento educacional especializado: pessoa com surdez*. Brasília/DF: SEESP/SEED/MEC, 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee\\_da.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_da.pdf). Acesso em: 27 dez. 2018.

DEL-MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. C.; SANTOS, M. A. P. *Instrumentos e técnicas de pesquisa*. 2017. Trata-se do texto 1 da disciplina 9 do curso de Especialização em Educação Especial com ênfase em Deficiência Auditiva/Surdez - NEaD/Unesp/SMESP. Acesso restrito. Disponível em: [https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/107919/mod\\_resource/content/18/index.html#](https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/107919/mod_resource/content/18/index.html#). Acesso em: 27 dez. 2018.

ENGELS, F. *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. 1. ed. Traduzido do espanhol. Neue Zeit, 1896. (Transcrição de: amavelmente cedia por "O Vermelho" para Marxists Internet Archive, 2004. HTML por José Braz para Marxists Internet Archive, 2004. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Acesso em: 27 dez. 2018.

FERNANDES, E. *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação 2010.

FIGUEIRA, A. S. *Material de Apoio para o aprendizado de LIBRAS*. São Paulo: Phorte, 2011.

IASI, M. L. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KYLE, J. O ambiente Bilingue: Alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilinguismo para os surdos. In: SKLIAR, Carlos. *Atualidade da educação bilíngue para surdo: processos e projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Mediação 1999. p. 15-26.

LACERDA, C. B. F. *Surdez e Linguagem: Alguns Apontamento*. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2016. Trata-se do texto 1 da disciplina 5 do curso de Especialização em Educação Especial com ênfase em Deficiência Auditiva/Surdez - NEaD/Unesp/SMESP. Acesso restrito. Disponível em: <https://goo.gl/NChTsa>. Acesso em: 27 dez. 2018.

LA TAILLE, Y. *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus. 1992.

LURIA, A. R. *A construção da mente*. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2015.

LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Tradução de Diana Myrian Lichtenstein e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

NADER, J. M. V.; NOVAES-PINTO, R. C. Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 40 v. 2, p. 929-943, mai-ago. 2011.

MAROSTEGA, V. L.; SANTOS, Â. N. A influência da comunicação que envolve família-filho-escola no processo de desenvolvimento e aprendizagem do sujeito surdo. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, n. 28, p. 265-274, nov. 2011. ISSN 1984-686X. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4301>. Acesso em: 27 dez. 2018.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio, ou, Da educação*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SKLIAR, C. *Atualidade da educação bilíngue para surdo: processos e projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Mediação 1999.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 2. ed. Porto Alegre: 2001.

STELLING, E. P.; STELLING, L. F. P.; TORRES, E. M. S.; CASTRO, H. C. Pais ouvintes e filho surdo: dificuldades de comunicação e necessidade de orientação familiar. *Espaço*, Rio de Janeiro, n. 42, jul./dez. 2014.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas: Fundamentos de defectología*. Madri, Cofás Móstoles, 2012. (Tomo 5).

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, L. S. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2016.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

*Recebido em 09 de junho de 2018*  
*Aprovado em 27 de dezembro de 2018*

Para citar e referenciar este artigo:

DE PAULA, Elifas Trindade; DEL-MASSO, Maria Candida Soares. Influência das relações familiares no desenvolvimento da linguagem do estudante com surdez na Educação de Jovens de Adultos. *InFor, Inov. Form., Rev. NEaD-Unesp*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 195-214, 2018. ISSN 2525-3476.

### Notas de fim de página

- 
- <sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida junto ao curso de Especialização em Educação Especial com ênfase em Deficiência Auditiva/Surdez, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Núcleo de Educação a Distância (NEaD), como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Especial com ênfase em Deficiência Auditiva/Surdez.
- <sup>2</sup> Trata-se de excertos, fragmentos da transcrição da coleta de dados dos pesquisadores com os sujeitos da pesquisa.